

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTU SENSU EM ADMINISTRAÇÃO

ARIANY MAIA DOS SANTOS

**CARACTERIZAÇÃO E ANÁLISE DO SISTEMA TURÍSTICO
RURAL NO MUNICÍPIO DE MIRANDA/MS**

CAMPO GRANDE - MS
2010

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

ARIANY MAIA DOS SANTOS

**CARACTERIZAÇÃO E ANÁLISE DO SISTEMA TURÍSTICO
RURAL NO MUNICÍPIO DE MIRANDA/MS**

Dissertação apresentada como requisito parcial à obtenção do grau de Mestre em Administração.

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul.

Programa de Pós-Graduação em Administração.

Área de concentração em Gestão do Agronegócio.

Orientador: Milton Augusto Pasquotto Mariani, Dr.

**CAMPO GRANDE - MS
2010**

Santos, Ariany Maia dos. Caracterização e Análise do Sistema Turístico Rural no Município de Miranda/MS/ Ariany Maia dos Santos – Campo Grande, 2010.

104 f.

Orientador: Milton Augusto Pasquotto Mariani
Dissertação (Mestrado em Administração) Programa de Pós-Graduação *strictu sensu* em Administração. Universidade Federal de Mato Grosso do Sul.

Inclui Bibliografia

1. Turismo. 2. Turismo Rural. 3. Sistema de Turismo. 4. Miranda/MS I. Milton Augusto Pasquotto Mariani. II Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Curso de Pós-Graduação em Administração. III Título.

CARACTERIZAÇÃO E ANÁLISE DO SISTEMA TURÍSTICO RURAL NO MUNICÍPIO DE MIRANDA/MS

Esta dissertação foi julgada adequada para a obtenção do Grau de Mestre em Administração na área de concentração em Gestão do Agronegócio do Programa de Pós-Graduação *strictu sensu* em Administração da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul e aprovada, em sua forma final, em 31 de março de 2010.

Prof. Dr. José Nilson Reinert
Coordenador do Curso

Apresentada à Comissão Examinadora composta pelos professores:

Prof. Dr. Milton Augusto Pasquotto Mariani
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul

Profa. Dra. Regina Sueiro de Figueiredo
Universidade para o Desenvolvimento do Estado e da Região do Pantanal

Prof. Dr. Leonardo Francisco Figueiredo Neto
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul

Dedico esta dissertação aos meus pais por me incentivarem a estudar sempre e também pelo exemplo de dedicação que me passaram.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, por estar ao meu lado e recarregar as energias quando era preciso.

Ao meu professor orientador, grande estudioso do turismo, Milton Augusto Pasquotto Mariani, por ter me guiado no caminho certo para realizar a pesquisa, por ter tido paciência e confiança, além de não reclamar das minhas demoras.

Aos proprietários e funcionários das fazendas pesquisadas, que responderam as perguntas com atenção e passaram todas as informações necessárias para a conclusão da pesquisa.

Aos meus queridos colegas do Mestrado pela convivência e apoio, em especial agradeço a Thatiana, um exemplo de mulher guerreira, dedicada e inteligente, pelos momentos de alegria e aprendizado e por ter me mostrado que podemos concretizar todos os nossos sonhos.

Aos professores do Programa de Mestrado pelo auxílio a minha formação, em especial ao professor Dario de Oliveira Lima Filho.

À Rosali, pela incrível atenção e carinho.

Ao meu amor Luciano, agradeço por estar sempre ao meu lado, por ter me acompanhado nas visitas, por suportar todos os momentos de ansiedade e desânimo.

A todos que contribuíram para que a presente dissertação fosse concretizada.

O segredo é não correr atrás das borboletas... É cuidar do jardim para que elas venham até você.

Mário Quintana

RESUMO

Santos, Ariany Maia dos. **Caracterização e Análise do Sistema Turístico Rural no Município de Miranda/MS**. 100 f. Dissertação (Mestrado em Administração) - Curso de Pós-Graduação em Administração, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande, 2010.

Orientador: Milton Augusto Pasquotto Mariani

Defesa: 31/03/2010

Este estudo adota o turismo rural como tema central e tem como objeto de estudo o município de Miranda/MS. A teoria norteadora deste estudo está baseada no Sistema de Turismo (Sistur), mais especificamente no Conjunto das Relações Ambientais, que abrange os subsistemas Ecológico, Econômico, Social e Cultural. Por isso, o objetivo principal desta dissertação foi analisar o turismo rural na região de Miranda/MS com o enfoque nos ambientes ecológico, econômico, social e cultural do Sistema de Turismo (Sistur). A abordagem utilizada foi a pesquisa qualitativa e os tipos de pesquisa adotados foram a bibliográfica e a exploratória. A coleta de dados foi realizada através de entrevistas nas propriedades rurais. Verificou-se que o Pantanal apresenta diversas riquezas que precisam ser preservadas da ação do homem (comunidade local e turista), principalmente relacionados ao subsistema ecológico e cultural. Quanto ao subsistema econômico percebe-se que o turismo não se apresenta como atividade econômica principal, porém trouxe um aumento na renda das propriedades. Sobre o subsistema social percebeu-se que o pantaneiro não sofreu muito com a implantação do turismo apesar de ter havido uma modificação no seu ambiente.

Palavras-chave: Turismo Rural; Miranda/MS; Sistema de turismo.

ABSTRACT

Santos, Ariany Maia dos. **Caracterização e Análise do Sistema Turístico Rural no Município de Miranda/MS**. 100 f. Dissertação (Mestrado em Administração) - Curso de Pós-Graduação em Administração, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande, 2010.

Orientador: Milton Augusto Pasquotto Mariani

Defesa: 31/03/2010

This study adopts the agricultural tourism as central subject and has as study object the city of Miranda/MS. The theory guiding this study is based on the System of Tourism (Sistur), more specifically in the Set of the Relations Ambient, that encloses the subsystems Ecological, Economic, Social and Cultural. Therefore, the main objective of this study was to analyze the agricultural tourism in the region of Miranda/MS with the approach in environments ecological, economic, social and cultural of the System of Tourism (Sistur). The approach used was qualitative research and the adopted types of research had been bibliographical and the exploratory. The collection of data was carried through interviews in the country properties. It was verified that the Pantanal presents diverse wealth that they need to be preserved of the action of the man (local community and tourist), mainly related to the ecological and cultural subsystem. How much to the economic subsystem it is perceived that the tourism if does not present as main economic activity, however brought an increase in the income of the properties. On the social subsystem one perceived that the local man did not suffer a lot with the implantation of the tourism although although there was a change in their environment.

Key-words: Agricultural tourism; Miranda/MS; System of Tourism.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Modelo de turismo rural autêntico e sustentável	31
Figura 2 - Sistema de Turismo (Sistur) – Modelo Referencial	36
Figura 3 - O Sistema Turístico	39
Figura 4 - Esquema de divisão do subsistema cultural	53
Figura 5 - Localização do Pantanal	63
Figura 6 - Divisão do Pantanal	65
Figura 7 - Pantanal do Rio Miranda	66
Figura 8 - Pantanal do Rio Miranda alagado	67
Figura 9 - Paisagem do lago na Fazenda Santa Inês	69
Figura 10 - Placa indicativa do pomar da Fazenda Santa Inês	70
Figura 11 - Guias na Fazenda San Francisco	71
Figura 12 - Cavalgada na Fazenda Baía Grande	72
Figura 13 - Área de convivência na Fazenda Baía Grande	72
Figura 14 - Artesanato vendido na Fazenda Santa Inês	81
Figura 15 - Loja de produtos artesanais na Fazenda San Francisco	82
Figura 16 - Refeitório na Fazenda Baía Grande	83
Figura 17 - Cantina Pantaneira na Fazenda San Francisco	84
Quadro 1 – Gastos dos turistas – efeito multiplicador	45
Quadro 2 - Resumo dos impactos socioculturais positivos e negativos do turismo	49
Quadro 3 - Os impactos do turismo de acordo com os tipos de fluxos turísticos	54
Quadro 4 - Regiões turísticas de Mato Grosso do Sul.....	59
Quadro 5 – Quadro Resumo dos Subsistemas	87

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	11
1.1	CONTEXTUALIZAÇÃO	11
1.2	PROBLEMÁTICA	13
1.3	OBJETIVOS	13
2	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	15
2.1	QUESTÕES NORTEADORAS	15
2.2	ABORDAGEM	15
2.3	MÉTODO	15
2.4	AMOSTRA	17
3	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	19
3.1	TURISMO RURAL	19
3.1.1	Histórico do turismo rural	19
3.1.2	Tipologia e conceitos	21
3.1.3	Turismo rural em números	26
3.2	CARACTERÍSTICAS DO TURISMO RURAL	27
3.2.1	Atrativo turístico	28
3.2.2	Estrutura turística	29
3.2.3	Interação com a comunidade local	30
3.3	DESENVOLVIMENTO LOCAL	32
3.4	O TURISMO E SEU ENFOQUE SISTÊMICO	34
3.4.1	CONJUNTO DAS RELAÇÕES AMBIENTAIS	39
3.4.1.1	Subsistema ecológico	39
3.4.1.2	Subsistema econômico	43
3.4.1.3	Subsistema social	47
3.4.1.4	Subsistema cultural	52
3.4.2	CONJUNTO DA ORGANIZAÇÃO ESTRUTURAL	54
3.4.3	CONJUNTO DAS AÇÕES OPERACIONAIS	55
4	RESULTADOS E DISCUSSÕES	58
4.1	TURISMO RURAL EM MATO GROSSO DO SUL	58
4.2	TURISMO NO PANTANAL SUL	62
4.3	TURISMO EM MIRANDA/MS	64
4.4	ANÁLISE DO SUBSISTEMA ECOLÓGICO	68
4.5	ANÁLISE DO SUBSISTEMA ECONÔMICO	75
4.6	ANÁLISE DO SUBSISTEMA SOCIAL	78
4.7	ANÁLISE DO SUBSISTEMA CULTURAL	81
4.8	DIRETRIZES	86
4.9	QUADRO RESUMO	87
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	90
6	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	93
	APÊNDICE A - ROTEIRO DE ENTREVISTA COM PROPRIETÁRIOS	98
	APÊNDICE B - ROTEIRO DE ENTREVISTA COM FUNCIONÁRIOS	101
	ANEXO - MUNICÍPIO DE MIRANDA - MEIOS DE HOSPEDAGEM	104

1. INTRODUÇÃO

1.1 Contextualização

Diversos estudos têm como objeto a atividade turística, por sua grande importância na área econômica e no lazer. Para Rodrigues (1999), o turismo figura como um dos fenômenos mais marcantes do mundo contemporâneo e sua expressividade não se limita ao fato econômico, pois é também e principalmente, como fato social que se configura materialmente, criando e recriando formas especiais diversificadas.

Esta atividade tem se destacado devido ao processo de urbanização acelerada em torno de médias e grandes cidades, e isso tem exigido de seus habitantes um contato maior com a natureza. A simples experiência de trocar a paisagem de concreto das edificações por um cenário verde, coberto de plantações e com animais, serve, para muitas pessoas, de um remédio anti “stress”. Em vista disso, percebe-se uma progressiva demanda por esses ambientes naturais correspondentes do ecoturismo e, nos últimos anos, vem se destacando as demandas voltadas para o meio rural, na verdade pelas paisagens que ele representa, e os turistas encontram a resposta no turismo rural (SILVEIRA, 2001).

A atividade turística no meio rural vem sendo também bastante estudada, não apenas como alternativa econômica para propriedades rurais, mas também como geradora de empregos e dinamizadora de economias locais, representando nas propriedades envolvidas não somente um complemento de renda, mas em muitos casos, tornando-se a atividade principal, em que os membros da família disponibilizam a maior parte de seu tempo de trabalho.

De acordo com Tulik (2003), turismo rural é uma expressão genérica que é aplicada a qualquer forma de turismo no espaço rural. A definição de turismo rural para a autora, no sentido amplo, é o conjunto de atividades desenvolvidas no espaço rural, porém esta definição é alvo de dúvidas e contradições. Então, o turismo rural deve estar relacionado às características próprias do meio rural, excluindo desta definição outras formas que não tem ligação com a prática e o conteúdo rural, portanto deve ter em sua prática a contemplação da paisagem, o contato com o estilo de vida e com a cultura rural.

Partindo do pressuposto que o turismo é um fenômeno bastante complexo, Beni (2001) criou um sistema para estudá-lo. Neste sistema existem três conjuntos, mas o que será utilizado neste estudo é o Conjunto das Relações Ambientais. Este conjunto é subdividido em quatro subsistemas: Ecológico, Econômico, Social e Cultural.

O subsistema Ecológico abrange principalmente a contemplação e o contato com a natureza. Também são estudados “o espaço turístico natural e urbano e seu planejamento territorial; atrativos turísticos e conseqüências do turismo sobre o meio ambiente; preservação da flora, fauna e paisagens” (BENI, 2001, p. 55).

No subsistema Econômico, Beni (2001) afirma que é necessário verificar a utilização dos recursos existentes, analisando a distribuição e a circulação da renda gerada pela atividade. Afirma, ainda, que é necessário estudar o comportamento econômico dos viajantes, o das empresas e também o dos agentes públicos.

Para Beni (2001) existe uma nova sociedade global se estruturando, que provoca uma mudança social. Dentro desta perspectiva, a mobilidade aparece como uma das tendências para tal fato, caracterizada pela mobilidade geográfica, ocupacional e social. O turismo, então, intensifica e aperfeiçoa a mobilidade humana. Por isso, no subsistema Social, são estudados os turistas, os trabalhadores do turismo e também a comunidade receptora local.

Os produtos diretos das manifestações culturais são representados pelos recursos turísticos culturais, abordados no subsistema Cultural. Beni (2001) confirma que o turismo estimula os países a proteger suas civilizações e legados culturais. Além disso, o turismo tem o importante papel de reabilitar culturas, contribuindo para sua difusão mundial.

O Sistema de Turismo proporciona um estudo global sobre a realidade turística, pois compreende todos os componentes importantes que impactam o turismo. Em especial, o turismo praticado no meio rural é uma atividade que pode trazer benefícios ou prejuízos em uma intensidade muito maior que nos centros urbanos, pois é um ambiente muito frágil podendo não ter alternativas de reparação.

Dentro de todo o contexto apresentado, verifica-se que o turismo rural é um tema relevante para ser estudado, além disso, existem diversos aspectos acerca deste tema que podem ser explorados. O objeto de estudo, Miranda/MS, portal do

Pantanal, é um dos destaques do Turismo Rural no Estado de Mato Grosso do Sul e, por isso com muitas questões significativas a serem consideradas.

1.2 Problemática

O Mato Grosso do Sul é fortemente centrado no meio rural no que se refere ao aspecto econômico, sendo representado pela pecuária e agricultura, por isso pode-se ter uma perspectiva positiva para o desenvolvimento do turismo rural, pois agrupa uma diversidade de atrativos naturais, principalmente nas propriedades rurais, que contam também com o atrativo da cultura regional na atividade de campo, representada através de muitas culturas: indígena, paraguaia, gaúcha, mineira e paulista (SEBRAE, 2002).

Como destaque no Estado na atividade turística, o Pantanal é representado por um ecossistema singular e complexo. Durante muito tempo a sua base econômica esteve relacionada somente à pecuária, após o declínio desta atividade surgiu o turismo, primeiro o de pesca e posteriormente o rural e ecológico. Como uma particularidade desta planície alagável percebe-se a junção do turismo rural e ecológico nas atividades praticadas nas propriedades.

Na região do Pantanal de Miranda/MS encontram-se algumas propriedades que exploram a atividade turística. Além disso, não existe um estudo aprofundado sobre essa região, enfocando a análise do Sistema Turístico, baseado na Teoria dos Sistemas. Por isso, o presente estudo terá como problema de pesquisa: qual é a situação atual do turismo rural em Miranda/MS, do ponto de vista dos ambientes ecológico, econômico, social e cultural?

1.3 Objetivos

O objetivo principal deste estudo é analisar o turismo rural na região de Miranda/MS com o enfoque nos ambientes ecológico, econômico, social e cultural do Sistema de Turismo (Sistur).

O alcance do objetivo geral apresentado baseia-se no desdobramento de alguns objetivos específicos, conforme disposto a seguir:

- Caracterizar o turismo rural realizado nos locais estudados;
- Verificar a importância da exploração do turismo rural para o desenvolvimento local;

- Propor diretrizes para a implantação de um turismo com base local.

2. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

2.1 Questões norteadoras

Na tentativa de responder o problema de pesquisa e atingir os objetivos propostos, tem-se como questões norteadoras:

- Quais são os atrativos turísticos existentes na área estudada?
- De que forma o turismo rural fomenta o desenvolvimento do Pantanal de Miranda/MS?
- Quais aspectos devem ser melhorados para o efetivo desenvolvimento do local?

2.2 Abordagem

A pesquisa qualitativa foi adotada neste estudo, pois o objetivo, conforme afirma a autora Dencker (1998), é entender como os fenômenos ocorrem e quais as razões para o seu acontecimento.

De acordo com Creswell (2007), a pesquisa qualitativa aplica diferentes alegações de conhecimento, estratégias de investigação e métodos de coleta e interpretação de dados. Dencker (1998) afirma que nas pesquisas qualitativas, a definição do problema é mais ampla e pode ser expressa como uma questão relevante, que intriga o pesquisador, e sobre a qual as informações não são suficientes.

Como o tema turismo rural no Pantanal é um pouco pesquisado, a pesquisa qualitativa terá como ponto de partida explicar, de forma sistemática, como ocorre esta atividade naquele local e quais os agentes envolvidos.

2.3 Método

A escolha do método e das técnicas de pesquisa é realizada de acordo com o objeto de estudo, por isso um dos métodos a ser utilizado é o dedutivo, pois pretende-se realizar um estudo que irá partir do geral para o particular. Portanto, a pesquisa abordará a importância do turismo rural no sistema mundo, entendendo que o desenvolvimento desta atividade se dá do global ao local, ou seja, verificar a importância desta atividade no contexto e na lógica da região.

O turismo é uma atividade que deve ser sentida, experimentada e vivenciada, por isso o método observacional será empregado, pois ele fundamenta-

se em procedimentos sensoriais e, portanto será de grande valia para a condução da pesquisa.

O método comparativo, de forma complementar, foi utilizado para correlacionar algumas variáveis importantes desta atividade complexa. Dentro deste método, os ambientes do Sistor (ecológico, social, econômico e cultural) serão aplicados para verificar essas variáveis.

O presente estudo envolveu três tipos de pesquisa: a bibliográfica, a exploratória e o estudo multicaso, utilizando também algumas técnicas de pesquisa de multicaso e descritiva.

A pesquisa bibliográfica é fonte primeira de qualquer estudo, através dela faz-se um levantamento e uma revisão do que já foi escrito sobre o tema. Para Dencker (1998), é necessário, para fazer uma elaboração conceitual, a definição de marcos teóricos.

A pesquisa exploratória é importante, pois procura aprimorar conceitos ou descobrir intuições (DENCKER, 1998). É um procedimento adotado também para conseguir informações sobre o tema estudado, com o objetivo de chegar a problemas específicos e estabelecer hipóteses.

Adotou-se os procedimentos de pesquisa multicaso (YIN, 2001), caracterizados pelo maior foco na compreensão e na comparação qualitativa dos fenômenos. O estudo multicaso proporcionou uma maior abrangência nos resultados, não se limitando às informações de uma só propriedade rural. Da técnica descritiva, o presente estudo objetiva descrever e caracterizar os fenômenos, estabelecendo relações entre as variáveis e os fatos.

Por ser um fenômeno complexo e diversificado, o turismo pode abordar todos esses tipos de pesquisa apresentados. Uma pesquisa desta atividade comporta vários tipos de enfoques como abordado aqui, pois é influenciada por diversos fatores que a caracterizam como complexa, e por isso, é necessário um estudo profundo e detalhado para verificar aspectos que norteiam esta atividade.

Como instrumento de coleta de dados, foi utilizada a entrevista estruturada com perguntas abertas e fechadas (conforme apêndice A e B). Essa coleta foi realizada no mês de janeiro de 2010. Foram feitas entrevistas com os empresários e funcionários que estão envolvidos com o produto turístico oferecido.

Como instrumento subsidiário, foi realizada a observação direta, utilizada para identificar aspectos que, eventualmente não estavam bem explicitados nas entrevistas.

2.4 Amostra

Para definir a amostra foram consultadas duas fontes: o inventário do Plano de Desenvolvimento Turístico Sustentável de Mato Grosso do Sul – PDTUR/MS, realizado em 2001 e a oferta apontada pela autora Xavier (2007), conforme Anexo. Com esta fonte de dados foi verificado quais propriedades rurais possuíam como atividade principal o turismo rural. As três fazendas que se enquadraram no objetivo da pesquisa foram: Santa Inês, San Francisco e Baía Grande.

Na Fazenda Santa Inês, o proprietário foi entrevistado e três funcionários, na San Francisco foi a diretora de turismo e dez funcionários e por fim na Baía Grande o diretor foi entrevistado e três empregados.

A Fazenda Santa Inês tem cerca de 1000 hectares e como principal atividade econômica a pecuária. No total a fazenda possui nove empregados, sendo que cinco trabalham diretamente com o turismo.

A atividade turística na propriedade iniciou-se em julho de 2001, com as modalidades de turismo rural e ecoturismo. A fazenda possui 20 leitos e recebe cerca de 350 turistas por ano, cuja principal procedência é Rio de Janeiro, São Paulo e de estrangeiros (principalmente europeus), visitam a fazenda para ter contato com a natureza e com a vida rural.

Com um total de 14.800 hectares (divididos entre três atividades – turismo, pecuária e lavoura), a Fazenda San Francisco explora a atividade turística desde o ano de 1998. Possui cerca de 60 empregados, sendo que 25 trabalham para o turismo. A principal modalidade praticada é o agroecoturismo.

Os turistas que visitam a propriedade são provenientes das regiões Sudeste e Sul (70%) e os 30% restante são estrangeiros, especialmente europeus. Assim como a maioria dos que visita o Pantanal, estes visitantes são amantes da natureza. Há no total 35 leitos no empreendimento.

A Fazenda Baía Grande tem uma área de 1.800 hectares e sua principal atividade econômica é a pecuária. Conta com 10 empregados no total, sendo que 5 destes trabalham com o turismo.

O início da atividade turística na propriedade deu-se no ano de 2001, desde então recebe turistas, principalmente, da Europa e pratica as modalidades de turismo rural e ecoturismo. Recebe cerca de 20 visitantes por mês e possui 15 leitos para abrigá-los.

3. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

3.1 Turismo rural

Para De la Torre (1994) o turismo é um fenômeno social no qual ocorre o deslocamento, de forma voluntária e temporária, de pessoas ou grupos impelidos por diversos motivos, de recreação a descanso. Saem de sua residência habitual para um pólo turístico, onde não podem exercer nenhuma atividade lucrativa ou remunerada. Esta atividade gera múltiplas inter-relações de importância social, econômica e cultural.

As motivações para se praticar o turismo são inúmeras, podendo se destacar o lazer, o *status*, o descanso, a aventura, o cultural. Nesta pesquisa a motivação que será tratada é a da natureza e do meio ambiente rural.

Como grande consumidor da natureza, o turismo contemporâneo evoluiu, nas últimas décadas, como consequência da “busca do verde” e da “fuga” do tumulto das grandes metrópoles, pelas pessoas que tentam recuperar o equilíbrio psicofísico, em contato com o meio ambiente, durante o tempo de lazer (RUSCHMANN, 1997).

Para Ruschmann (1997) o turismo mais brando, ecológico, naturalista, personalizado e realizado em pequenos grupos de turistas tende a caracterizar os fluxos turísticos do futuro. Essas “novas” atividades são seletivas e realizadas em equipamentos qualitativamente estruturados, tanto nos serviços como na arquitetura das edificações e também em seu tamanho, além disso, constituem um grande potencial dos movimentos turísticos.

3.1.1 Histórico do turismo rural

O turismo rural no mundo não é um fenômeno novo, no século XIX, na Europa, já existia o interesse pelas atividades recreativas no meio rural. Surgiu como uma reação ao estresse e às atribulações advindas da expansão das cidades industriais (RUSCHMANN, 2000).

A atividade do turismo rural inicialmente era constituída em estruturas eminentemente rurais, de pequena escala, com herança cultural das comunidades do campo e as chamadas sociedades e práticas tradicionais (RUSCHMANN, 2000).

A Europa tem grandes exemplos de turismo rural, cada país com características próprias, como exemplo tem-se França, Portugal, Espanha e Itália.

Na França, o turismo rural surgiu para tentar combater o êxodo rural, complementar a renda das famílias das propriedades rurais e proteger o meio ambiente (TULIK, 2003).

Além disso, a França tem em seu espaço rural uma grande riqueza em recursos naturais e culturais, por isso surgiu o turismo, no mundo rural, como uma nova forma de valorizar o patrimônio, as paisagens, a cultura e os produtos da terra (LAURENT e MAMDY, 2000).

Para Laurent e Mamdy (2000) existem duas lógicas na política do turismo rural na França: a abordagem territorial – oferta de alojamentos – e a abordagem por produtos – desenvolvida em torno de alojamentos com forte imagem de marca, intimamente relacionada com atividades de lazer.

A atividade turística no meio rural na França passou por períodos de desenvolvimento e de decadência, firmou-se no ano de 1983. A revalorização foi feita através da construção de pequenos hotéis e restaurantes e também com a organização dessa atividade (TULIK, 2003).

O turismo rural surgiu em Portugal, a exemplo da França, para desenvolver as áreas rurais do interior e também para combater o êxodo rural (TULIK, 2003).

A experiência pioneira aconteceu em 1978, com o chamado turismo de habitação, que é o “aproveitamento de casas antigas do tipo solar ou residência de valor arquitetônico, com características regionais evidentes, e com dimensões, mobiliário e decoração interior de qualquer idade” (RIBEIRO, 2000, p. 214).

Além do turismo de habitação, foram regulamentadas quatro categorias básicas: o turismo rural, o agroturismo, o turismo de aldeia e casas de campo, e também outras como o hotel rural, as zonas de caça turísticas e parques de campismo, cada um com sua característica (TULIK, 2003).

A Espanha tem um tipo de turismo chamado de turismo de retorno, ocorre quando os habitantes da zona rural, que foram para a cidade a trabalho, voltam para o lugar em que viveu antes como forma de lazer. Outra fase do desenvolvimento do turismo rural ocorreu quando houve um incentivo, por parte da iniciativa pública e

privada, para a promoção social, a preservação do patrimônio cultural, principalmente o imobiliário, das zonas rurais deprimidas e para trazer uma alternativa ao turismo litorâneo massificado e saturado (TULIK, 2003).

A exemplo dos outros países citados, do continente europeu, a Itália também buscou no turismo, no espaço rural, uma alternativa para o campo, que encontrava abandonado devido ao êxodo. Para isso foi criada uma associação, com o intuito de sensibilizar a opinião pública, para a proteção da natureza e das áreas rurais. Então, os agricultores receberam o incentivo para alugar suas casas, comercializar seus produtos e participar do turismo eqüestre. O sul da Itália desenvolveu mais esse tipo de turismo, que está correlacionado à natureza, à autêntica culinária regional, ao esporte e à cultura (TULIK, 2003).

A prática do turismo rural no Brasil é uma atividade relativamente nova, quando se faz uma comparação com outras modalidades (RODRIGUES, 2001). A experiência mais antiga em áreas rurais é do município de Lages, no estado de Santa Catarina (SC), e foi marcada pela implantação de uma atividade organizada na Fazenda Pedras Brancas, no ano de 1984.

A atividade teve seu nascimento como uma alternativa para o aproveitamento da estrutura existente nas fazendas e estâncias de criação de gado de corte e leiteiro. Foi constituída uma Comissão Municipal de Turismo que apoiou um estudo, sobre a procura potencial do turismo rural, o qual sustentou o lançamento de um projeto piloto que obteve sucesso e abriu caminho para o desenvolvimento de um novo produto na oferta turística brasileira (SILVA; VILARINHO; DALE, 2000; SIRGADO, 2001).

Elesbão (2000) acredita que a procura pelas formas de lazer associadas ao meio rural teve início, de uma forma incipiente, na década de 70 e teve sua expansão com a divulgação do pensamento ecológico.

3.1.2 Tipologia e conceitos

Autores como Joaquim (2001), Moletta e Goidanich (1999) e Rodrigues (2001) acreditam que não existe uma definição clara e objetiva do Turismo Rural, porque é um tipo de turismo que envolve muitas atividades e, por isso, pode abranger outras formas de turismo.

Pesquisa conduzida por Joaquim (2001) concluiu que o turismo rural é originado por determinações da “moda”: turismo ecológico, discreto, verde, ecoturismo, de natureza, entre outros. E essas noções têm três características em comum: “conservação do patrimônio natural e cultural; atividades baseadas nas potencialidades humanas e ambientais locais; e pequena dimensão das infraestruturas de apoio às atividades turísticas” (JOAQUIM, 2001, p. 40).

Os tipos de turismo mencionados têm um denominador comum que é o espaço rural. De acordo com Rodrigues (2001), existe uma distinção muito grande de um Estado para o outro, sendo que até em algumas cidades do mesmo Estado apresentam características particulares.

Tulik (2003) apresenta uma ordem de classificações, em grupos, que tem por objetivo mostrar a prática do turismo rural no conjunto das modalidades turísticas, e todas elas estão agrupadas nas atividades de turismo no espaço rural, são elas: turismo alternativo; turismo no espaço rural ou turismo na área rural; turismo em áreas rurais e naturais; turismo na natureza; turismo cultural; agroturismo e por fim turismo rural.

O termo turismo alternativo é contrário à atividade do turismo convencional, que é o turismo litorâneo, de massa. No turismo alternativo estão relacionadas outras formas de turismo, como o ecoturismo, o de aventura, o cultural e o rural, além disso, está relacionada ao turismo desenvolvido com sustentabilidade e de pequena escala (TULIK, 2003).

Turismo no espaço rural (TER) e turismo em áreas rurais (TAR) são expressões mais utilizadas nos países da Europa, e são sinônimas do turismo rural. Esses dois termos não admitem delimitação de seu âmbito e nem de conteúdo (TULIK, 2003).

Como variação do TER/TAR surgiu o turismo em áreas rurais e naturais, onde há o complemento da área natural, que seria para a prática do ecoturismo, e também é o oposto do turismo urbano (TULIK, 2003).

Na análise do turismo na natureza percebe-se que há uma grande variação de conceitos e de relações, pois alguns autores acreditam que o turismo rural está totalmente integrado ao turismo na natureza e conseqüentemente ao ecoturismo. Tulik (2003) afirma que se pode confundir esses dois tipos de turismo, porque muitas

vezes são praticados na mesma propriedade e por isso existe a dificuldade de se estabelecer limites entre um tipo e outro.

Na Espanha é bastante praticado o turismo cultural, no qual está inserido o rural. Esses dois tipos estão relacionados, pois há um conteúdo cultural inserido na prática de turismo rural, além disso, estão enquadrados dentro do turismo alternativo (TULIK, 2003).

Como uma subdivisão do TER, o agroturismo é entendido como uma atividade praticada em uma propriedade com exploração agrícola e criação de gado. Existem alguns princípios que norteiam o agroturismo: a atividade na propriedade; turismo como complemento da renda do proprietário; organização e gestão familiar, com a presença obrigatória do proprietário; alojamento nas construções existentes na propriedade; participação do turista nas atividades da propriedade, contato com o meio rural (TULIK, 2003).

De acordo com Tulik (2003) turismo rural é uma expressão genérica, que é aplicada a qualquer forma de turismo no espaço rural. Cunha (apud TULIK, 2003) afirma que é conveniente precisar o sentido que se atribui ao turismo rural, delimitando seu conteúdo e partindo da primeira idéia, ter sua efetivação no meio rural.

Para facilitar a caracterização do turismo rural é fundamental considerar os seguintes aspectos: o processo histórico de ocupação, a estrutura fundiária, as características da paisagem regional, características da demanda, os tipos de empreendimentos, as atividades econômicas da atualidade e a estrutura agrária. O turismo rural está correlacionado às atividades agrárias do passado e do presente (RODRIGUES, 2001) e é uma atividade que o homem urbano procura para buscar resgatar suas origens culturais, o contato com a natureza e a valorização da cultura local (MOLETTA; GOIDANISH, 1999).

Rodrigues (2001) sugere dois grandes grupos para melhor classificar o turismo rural: de cunho histórico e de natureza contemporânea. O primeiro turismo rural tradicional é dividido em outros três grupos: de origem agrícola, de origem pecuarista e de colonização européia.

O de origem agrícola tem como característica as propriedades do ciclo do café (principal atividade) e também um patrimônio arquitetônico de destaque,

representado pelas sedes de fazenda, além de possibilitar outras atividades como ordenha de vaca e colheita de frutas, em pomares. É um tipo de fazenda-hotel, que não pode ser confundido com o conhecido hotel-fazenda, porque o primeiro é feito de uma adaptação para receber os hóspedes. Propriedades deste tipo são comumente encontradas no estado de São Paulo (SP), Rio de Janeiro (RJ), Minas Gerais (MG) e Paraná (PR).

O turismo rural de origem pecuarista é característico de fazendas que, antes eram de produção cafeeira e, foram se transformando em fazendas de gado. São propriedades que preservaram as trilhas dos tropeiros que faziam determinados caminhos para transportar o gado, esse é o caso do estado do Paraná. Também, no estado do Rio Grande do Sul (RS), na chamada Campanha Gaúcha, as propriedades de gado bovino, ovino e eqüino desenvolveram um rico patrimônio cultural.

As atividades praticadas no turismo rural de colonização européia estão relacionadas à história desta imigração no Brasil, principalmente nas regiões Sul e Sudeste, tendo os estados de SC, RS, SP e Espírito Santo (ES) como destaques. Algumas fazendas possuem instalações suntuosas, onde os proprietários residem ou não, e a atividade agrária é ainda importante, sendo que o turismo representa uma atividade complementar. A Serra Gaúcha é um importante exemplo deste turismo rural colonial. Outro tipo de abordagem desta modalidade de turismo ocorre quando as propriedades vendem produtos artesanais que fabricam, a autora chama isto de turismo rural artesanal de origem colonial.

O segundo, turismo rural contemporâneo é uma atividade que começa a ser praticada quando o turismo passa a ser considerado uma atividade econômica importante no Brasil. Para exemplificar essa modalidade temos: os hotéis-fazenda, as pousadas rurais, os *spas* rurais, segunda residência campestre, *campings* e acampamentos rurais, turismo de caça e pesca, turismo rural místico ou religioso, turismo rural científico-pedagógico e turismo rural etnográfico.

Os hotéis-fazenda são hotéis localizados na zona rural, implantados para explorar esse tipo de turismo, valoriza a cultura local, enquanto a pousada rural é um empreendimento de pequeno porte e menor luxo, oferece aos visitantes a possibilidade de desfrutar da vida no campo. Os *spas* rurais têm o objetivo de

oferecer aos pacientes-hóspedes os prazeres da vida campestre juntamente com a possibilidade de emagrecimento.

A segunda residência campestre está geralmente localizada na área rural de municípios vizinhos de grandes centros urbanos. Os camping ou acampamentos rurais localizam-se, geralmente, em vale de rios, em áreas de expressiva cobertura vegetal, como as matas ciliares. O turismo de pesca é muito presente no Pantanal, que possui ranchos de pesca, sendo que as atividades de caça podem ser praticadas no Norte Velho do PR.

O turismo rural místico ou religioso é uma modalidade com crescente expansão em locais como a Chapada dos Veadeiros (GO). Existem alguns estabelecimentos ligados à religião, outros em que exercitam a meditação e práticas místicas, e ainda há alguns que tentam contato com objetos voadores não identificados. No turismo rural científico-pedagógico existem estabelecimentos voltados, principalmente, para a recepção de alunos e estagiários, é o caso de algumas escolas agrícolas de nível médio e superior.

O turismo rural etnográfico, de acordo com a autora, é o caso de reprodução de aldeias indígenas para receber grupos de estudantes, constituindo-se numa forma de valorizar a cultura indígena.

É importante ressaltar que Rodrigues (2001) teve o interesse de mostrar as várias definições de turismo rural ou o que pode estar relacionado com esta modalidade.

Campanhola e Silva (2000) fazem uma diferenciação entre duas definições: turismo no meio rural e agroturismo. O turismo no meio rural engloba as seguintes categorias: spas rurais, centro de convenções rurais, festivais, rodeios, gastronomia regional, *campings*, hotéis-fazenda, entre muitas outras. Os autores afirmam que as atividades do turismo no meio rural não podem estar relacionadas às propriedades agropecuárias produtivas.

Silva, Vilarinho e Dale (2000, p. 20) apresentam uma definição detalhada do agroturismo para o caso do Brasil:

Atividades internas à propriedade, que geram ocupações complementares às atividades agrícolas, as quais continuam a fazer parte do cotidiano da propriedade, em menor ou maior intensidade, devem ser entendidas como parte de um processo de agregação de serviços aos produtos agrícolas e bens não materiais existentes nas propriedades rurais (paisagem, ar puro,

etc.), a partir do 'tempo livre' das famílias agrícolas, com eventuais contratações de mão-de-obra externa. São exemplos de atividades associadas ao agroturismo: a fazenda-hotel, o pesque-pague, a fazenda de caça, a pousada, o restaurante típico, as vendas diretas do produtor, o artesanato, a industrialização caseira e outras atividades de lazer associadas a recuperação de um estilo de vida dos moradores do campo.

A EMBRATUR adota um conceito que tem caráter mercadológico: “conjunto de atividades turísticas comprometidas com a produção agropecuária, agregando valor ao produto do meio rural, resgatando e promovendo o patrimônio cultural e natural das comunidades do campo” (SILVEIRA, 2001).

Para resumir a complexidade em classificar e conceituar o turismo rural, a 'Carta de Joinville' (apud FONTANA; DENCKER, 2006, p.3) expressou o seguinte conceito:

Turismo Rural é aquele que, do ponto de vista geográfico, acontece no espaço rural; do ponto de vista antropológico, oferece ao visitante a possibilidade de vivências da cultura rural; do ponto de vista socioeconômico, representa um complemento às atividades agropecuárias e, finalmente, do ponto de vista do imaginário, atende às expectativas de evasão da rotina urbana e de realizar outras experiências de vida.

Para a presente pesquisa será utilizado o termo turismo rural, para a modalidade praticada no espaço rural que contempla atividades agrícolas, como também as realizadas no cotidiano dessas propriedades, além das que envolvem o meio ambiente (relacionadas ao turismo ecológico).

3.1.3 Turismo rural em números

O Ministério do Meio Ambiente (2003) divulgou o perfil dos empreendedores e dos clientes do turismo rural. O órgão teve como fonte de informações a Associação Brasileira de Turismo Rural e o SEBRAE.

De acordo com o perfil encontrado no estudo, a mulher conduz 92% dos negócios do turismo rural. Este tipo de turismo aparece para a mulher do campo como ele realmente é: uma atividade democraticamente ofertada, favorecedora da agricultura familiar, comprometida com a produção agropecuária, a tradição e os costumes da comunidade, o meio ambiente e o patrimônio histórico e cultural da região, ou seja, uma atividade voltada para o desenvolvimento sustentável.

Em relação ao tamanho da propriedade onde são praticadas as atividades de turismo rural: 43% das iniciativas turísticas no campo se situam em áreas de até

50 hectares, onde se dá a agricultura familiar; 31% estão localizadas em áreas de 51 a 250 hectares; 19% de 251 a 1500 hectares e 7% acima de 1500 hectares.

O estudo mostra que a mão-de-obra na atividade tem: 28% de mão-de-obra exclusivamente familiar; 69% de mão de obra local (familiares de empregados da mesma propriedade e/ou de propriedades vizinhas) e 3% de trabalhadores contratados em outros locais.

Com relação à produção voltada ao turista: 37% são de hortaliças, frutas e grãos; 58% são de animais (pequeno, médio ou grande portes); 29% são produtos da agroindústria artesanal (embutidos, conservas, queijos etc.) e 75% são de artesanato.

3.2 Características do produto rural

O produto gerado pelo turismo rural é um conjunto de bens e serviços organizados em cada propriedade, incluindo os atrativos culturais e naturais e a infraestrutura, a um preço justo. A beleza perde atratividade se o local não contar com uma infraestrutura satisfatória para a recepção de pessoas. A permanência do turista está intimamente ligada ao grau de estruturalidade do produto turístico, para gerar os benefícios ao núcleo receptor. Princípios como: o atendimento familiar e preservação das raízes; harmonia e sustentabilidade ambiental; autenticidade de identidade; qualidade do produto e envolvimento da comunidade local são imprescindíveis para a satisfação das expectativas dos seus clientes (MOLETTA; GOIDANICH, 1999).

Um dos pontos importantes a considerar, na perspectiva do desenvolvimento local, refere-se ao aproveitamento das especificidades locais ou territoriais, e ao pleno aproveitamento de suas potencialidades e oportunidades (CAMPANHOLA; SILVA, 2000).

O conjunto de detalhes e o próprio ambiente darão personalidade ao empreendimento, entretanto, a imagem que o turista busca ao ir para o meio rural nem sempre se reflete uniformemente. O turismo no meio rural deve ser uma atividade difusa, diretamente relacionada com aspectos ambientais e com especificidades inerentes a cada local. Alguns aspectos de grande importância devem ser levados em consideração na hora de planejar um empreendimento rural,

a exemplo de: atrativo turístico, estrutura turística e a interação com a comunidade local. (MOLETTA; GOIDANICH, 1999).

3.2.1 Atrativo turístico

Turismo é a arte de administrar detalhes. Um dos primeiros passos para a implantação da atividade turística é o conhecimento e identificação dos atrativos do produto turístico, considerando a vocação natural do local e da região, pois a autenticidade e a naturalidade são inerentes ao produto turístico.

Os atrativos turísticos são definidos como sendo “todo elemento material que tem capacidade própria, ou em combinação com outros, para atrair visitantes de uma determinada localidade ou zona” (CERRO, 1992 apud RUSCHMANN, 1997, p. 142), neste caso há uma distinção entre os atuais e os potenciais.

Os atrativos atuais (ou reais) são aqueles que já são utilizados para a prática do turismo no local, e que contam com infraestrutura e equipamentos para atender o turista. Enquanto os potenciais, mesmo possuindo uma grande atratividade, não estão inseridos no mercado turístico e também não possuem infraestrutura para o atendimento aos turistas (RUSCHMANN, 1997).

Os atrativos do produto rural podem ser agrupados (MOLETTA; GOIDANICH, 1999):

a) Paisagem: de acordo com Nogué i Font (apud PIREZ, 2001) busca-se reconhecer o meio rural e sua paisagem como fonte de potencial perceptiva para o turismo, por força dos aspectos singulares de sua humanização e sua diversidade. Indicador privilegiado para o turista no qual mostra como este está mudando realmente de lugar. A paisagem produto da sociedade e da cultura, que se desenvolve em toda a parte, é resultado da transformação turística coletiva, e quando humanizada representa a acumulação de informações que se deram ao longo dos tempos, dados de pessoas e sociedades as quais foram modelando-a.

Moletta e Goidanich (1999) atentam que o meio rural brasileiro, com fauna e flora silvestre típicas, com grandes diversidades de ambientes, constitui-se em fator de atração de visitantes, pois este segmento do turismo também vem em busca de ambientes pouco alterados. Topografia, clima ou as modificações ambientais, ocorridas de acordo com a mudança das estações, são recursos típicos de

exploração para atividades turísticas. Por isso, paisagem e turismo são duas realidades intimamente relacionadas.

b) Atividades agropecuárias da propriedade: estas atividades são um dos focos do turismo rural, pois o turista busca e vai de encontro a sua observação e interação. A participação do visitante no trabalho diário (ordenha, marcação de gado, manejo da horta, colheita, plantio, tosquia, preparação de pães e biscoitos, fabricação de bebidas como cachaça, vinho, entre outros) é de grande importância para consolidar a prática do turismo rural;

c) Cultural local: elementos como origem, história, costumes da região e hábitos são específicos e inevitáveis para a formatação do processo turístico a ser implantado. Atrativos como grupos folclóricos para canto e dança noturna, contadores de histórias regionais, ressaltando que estas pessoas devem estar tipicamente vestidas, visando causar boa impressão, podendo assim ser diferencial na região;

d) Atividades recreativas: podendo ou não ser relacionadas com a vida do campo, de alguma forma também devem ser realizadas, como pescaria, passeios a pé em trilhas, fotografias, cursos de artesanato, passeios de charrete, passeios a cavalos, visitas a pontos históricos da região; e

d) Gastronomia: a autenticidade, como sendo primária no turismo rural, veio mostrar-nos o legado importante na história de um povo, uma vez que exige mais tempo na sua preparação e garante a qualidade. Em muitas propriedades existem receitas familiares e formas de preparo únicas. A melhor composição do ambiente dá-se com meios para preparação dos alimentos como: fogão a lenha, panelas de ferro e de barro, churrasco feito no chão, dentre outros.

3.2.2 Estrutura Turística

Além da identificação dos atrativos para o melhor desenvolvimento do turismo rural, é necessária a organização de uma estrutura turística a fim de possibilitar a qualidade dos serviços prestados, desde a recepção até a hora em que o visitante se despede do local. A estrutura turística faz parte da oferta do turismo.

Para Mota (2001, p. 69) “a oferta constitui a matéria-prima da atividade turística”, pois forma um conjunto de recursos naturais e culturais, aos quais são

agregados serviços turísticos como os de transportes, hospedagem, alimentação, entre outros, formando, juntos, o produto turístico.

Andrade (1998, p. 101) afirma que “a oferta turística se forma pelo conjunto dos diversos recursos que o receptivo possui para serem utilizados em atividades designadas como turísticas”.

Em relação aos equipamentos e serviços turísticos, que são aqueles específicos para manter o turista na propriedade, os mesmos devem estar apoiados no diferencial do turismo rural, ou seja, na autenticidade e rusticidade da vida no campo, baseados na cultura local, não sendo confundidos com improvisos ou desconforto (MOLETTA; GOIDANICH, 1999).

A infraestrutura turística, de acordo com Andrade (1998), deve atender aos diversos requisitos e aos aspectos específicos de cada pólo turístico e seu tipo de turismo. Para o autor, essa infraestrutura abrange: as instalações de hospedagem, as instalações de recepção e a organização para recreação e esportes.

Para Ruschmann (1997) é necessário fazer uma verificação da imagem da oferta e da sua qualidade, através de uma pesquisa com os visitantes, e os resultados obtidos podem orientar os planejadores na tomada de decisões futuras. Essas pesquisas são importantes também para diminuir os riscos de novos investimentos, além de indicar rumos para o planejamento de longo prazo.

3.2.3 Interação com a comunidade local

Partindo do pressuposto de que quanto mais efetiva for a articulação entre iniciativa privada, comunidade e setor público, maiores são as chances de se concretizar o empreendimento turístico, assim desenvolvido o turismo rural pode criar inúmeras oportunidades de negócios para a comunidade em seu entorno, inclusive o que não for produzido por tal propriedade pode ser oferecido por produtores e fornecedores da região (MOLETTA; GOIDANICH, 1999).

Atividades como organizar a comunidade vizinha para o oferecimento de produtos alimentícios aos visitantes, sensibilizar a comunidade geral e regional da importância do turismo, são vitais para que o planejamento turístico se torne integrado a um objetivo geral (MOLETTA; GOIDANICH, 1999).

É importante destacar que o modo de vida e o comportamento dos habitantes locais e dos receptivos turísticos são responsáveis por atrair ou afastar os visitantes, valorizar ou desvalorizar o patrimônio social que o núcleo representa. O modo de viver e de ser das comunidades pode influenciar na mentalidade comercial do núcleo, por isso pode permitir e promover melhores meios de vida de sua população (ANDRADE, 1998).

Andrade (1998) afirma que as comunidades dos pólos turísticos são mais influenciadas pelos turistas e visitantes do que se pode mensurar, mas não pela natureza cultural, mas sim pelas conseqüências comerciais e conjunturas políticas diversas.

A Revista Globo Rural (1998, p. 25) apresenta um modelo de turismo rural autêntico e sustentável:

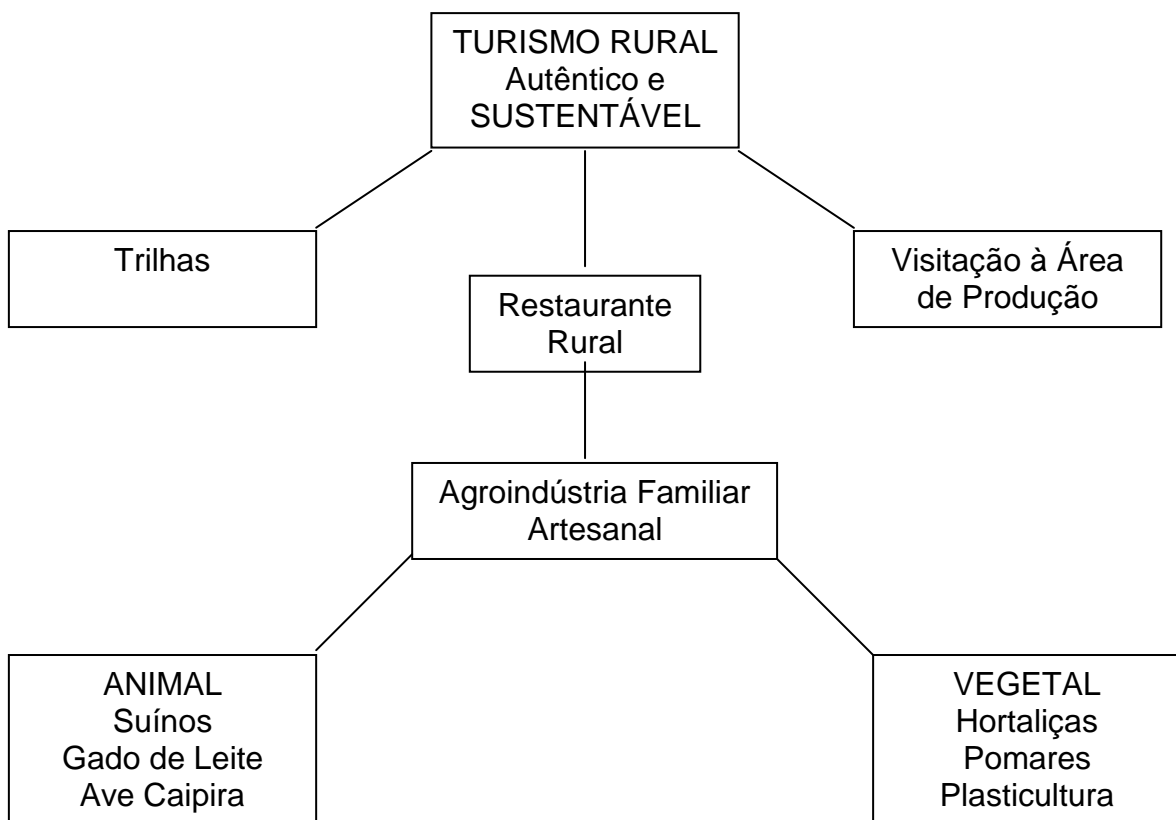


Figura 1 - Modelo de turismo rural autêntico e sustentável

Fonte: Revista Globo Rural, 1998, p. 25.

3.3 Desenvolvimento local

As discussões acerca do tema desenvolvimento advêm de muitas décadas. O primeiro conceito em destaque corresponde ao do desenvolvimento econômico, que contempla conceitos de crescimento econômico e modernização tecnológica. Este tipo de desenvolvimento se baseia em questões quantitativas, como dos fatores de produção, capital, recursos naturais. O conceito de desenvolvimento local evolui no sentido qualitativo, abrangendo questões culturais, ambientais, psicológicas, entre outras.

Para Buarque (2002, p. 25) desenvolvimento local pode ser conceituado como um “processo endógeno de mudança, que leva ao dinamismo econômico e à melhoria da qualidade de vida da população em pequenas unidades territoriais e agrupamentos humanos”.

Zapata (2006) argumenta que o conceito de desenvolvimento local se sustenta na idéia de que as localidades dispõem de recursos econômicos, humanos, institucionais, ambientais e culturais, além de economias de escalas não exploradas, que constituem seu potencial de desenvolvimento.

De acordo com Barbosa (2005), o desenvolvimento local alavanca a possibilidade de equalizar cinco objetivos: preservação/conservação ambiental, identidade cultural, geração de ocupações produtivas e de renda, desenvolvimento participativo e qualidade de vida.

Para ser sólido e sustentável este tipo de desenvolvimento deve mobilizar e explorar potencialidades locais, contribuir para elevar as oportunidades sociais e a viabilidade e competitividade da economia local, e ao mesmo tempo, deve assegurar a conservação dos recursos naturais locais. Além disso, Zapata (2006) afirma para ser mais eficaz, deve haver uma maior utilização dos recursos endógenos e diversificação da base produtiva local.

A estratégia de apoio ao desenvolvimento local tem como eixos a construção de capital social, a promoção adequada dos micro e pequenos empreendimentos e o fortalecimento da governança local, através da cooperação, da construção de parcerias e da pactuação de atores por um projeto coletivo de desenvolvimento com mais equidade (ZAPATA, 2006).

Como já foi citado, o desenvolvimento local vai além do desenvolvimento econômico, compreende desenvolvimento social, ambiental, cultural, político, e finalmente desenvolvimento humano. Por isso, de acordo com Zapata (2006), é necessário realizar investimentos em capital humano, capital social e capital natural, além dos correspondentes ao capital econômico e financeiro. É evidente que o desenvolvimento local possui uma visão integrada de todas essas dimensões, visto que não é possível separar a interdependência existente entre elas (ZAPATA, 2006).

A partir dos anos 80 têm sido propostas estratégias de desenvolvimento turístico baseadas na dinâmica local, principalmente nos países onde o turismo possui forte significado econômico e territorial, como por exemplo, nos países da Europa Ocidental.

Essas estratégias valorizam os aspectos global, holístico, integrado (horizontal e verticalmente), transetorial e sistêmico nos projetos de incremento ao turismo,

abrangendo todas as dimensões da vida econômica e social local e do espaço, e valorizam a parceria, com a mobilização de vários atores e associações, incluindo agentes externos, portadores de recursos (saber, criatividade, poder, capital ou facilidades de inserção no mercado) (CAVACO, 1999, p. 97)

Essa discussão foi alongada, e de acordo com Cavaco (1999) o desenvolvimento local começou a ser visto como o desenvolvimento rural além do setor agrícola, o que tornou frequente as referências ao desenvolvimento endógeno (mobilização dos próprios recursos), ascendente (protagonizado pelos agentes locais), autocentrado (centrado nas necessidades próprias da comunidade), sustentável, ecodesenvolvimento, cujo sentido está parcialmente incluído no de desenvolvimento local, ou desenvolvimento alternativo.

Dentro desta ótica tem-se o turismo alternativo, representado pelo turismo rural, ecoturismo, agroturismo, turismo natural, turismo responsável, entre outros. Para Cavaco (1999) estas formas de turismo, a princípio, respeitam as capacidades de absorção dos espaços de recepção, em termos naturais, culturais e sociais; fomentam a conservação dos recursos locais, físicos e humanos, abrangendo os de interesse turístico; diminuem custos e elevam benefícios; e reduzem a saída de divisas.

O desenvolvimento local, tem no turismo alternativo uma representação da mediação mitigadora entre globalização “desnaturalizante”/ homogenizadora/excludente e desenvolvimento local conservacionista/ ressingularizador / identitário/ participativo. O local passa assim a ser referenciado não somente no sentido valorativo da escala espacial, mas como alternativa ao padrão dominante de desenvolvimento, um espaço que, por estar à margem desse padrão, preserva relações comunitárias pouco hierarquizadas, e enseja a continuidade de formas mais ambientalmente sustentáveis de produzir, submetidas às culturas de intercambio material tradicional entre sociedade e natureza (BENEVIDES, 1999).

O turismo como fator de arranco para o desenvolvimento local e mesmo indutor de um subsequente desenvolvimento regional – pelo possível papel polarizador de um lugar, no caso o município – estaria na sua possível conversão em fator estruturante e motor de um desenvolvimento diversificado e sustentado (BENEVIDES, 1999).

3.4 O turismo e seu enfoque sistêmico

O turismo é considerado um fenômeno complexo e diversificado. Desta forma, a visão sistêmica nos permite compreendê-lo como um todo, ou seja, é necessário entender a complexa estrutura de relações no qual está inserido, para então pesquisar cada uma de suas partes.

O primeiro esboço para entender os ambientes como um todo foi apresentado por Ludwig von Bertalanffy, na década de 1940. Para o pioneiro da Teoria Geral de Sistemas, ela é definida como um conjunto de partes inter-relacionados e interdependentes, que forma um elemento complexo e único e tem uma finalidade determinada.

A palavra-chave desta teoria é a interação. Por isso, um sistema pode ser definido como um processo de elementos em interação. A interação significa que os elementos se relacionam, de modo que o comportamento de um elemento é diferente de seu comportamento em outra relação.

De acordo com Molina (2000) a Teoria Geral de Sistemas se desenvolveu nas últimas décadas, adotando o papel de uma nova orientação científica, com um

estilo e conteúdo tal, que contrapõe o reducionismo das disciplinas conhecidas tradicionalmente.

A Teoria Geral de Sistemas afirma que cada variável, em um sistema específico, interage com todas as outras variáveis desse sistema e com as de outros sistemas que com ele realizam operações de troca de interação, explicando e desenhando as configurações aproximadas da dinâmica da vida real (BENI, 2001, p. 44).

A contribuição desta teoria no processo de construção do conhecimento turístico é relevante, já que ressalta o modo de pensamento holístico, globalizador, que transcende a abordagem analítica dos fenômenos (MOLINA, 2000).

O Turismo, na linguagem da Teoria Geral de Sistemas, deve ser considerado um *sistema aberto*¹ que, conforme definido na estrutura dos sistemas, permite a identificação de suas características básicas, que se tornam os elementos do sistema (BENI, 2001, p. 44).

Em volta do turismo existe uma trama de relações que caracteriza seu funcionamento e essas relações formam um sistema (BOULLÓN, 1999). Molina (2000) afirma que o sistema turístico é um sistema aberto, relacionado com seu meio ambiente, e com ele estabelece um conjunto de intercâmbios, ou seja, importação de insumos, que ao serem processados saem convertidos em produtos. Por isso, é considerado um sistema dinâmico, com relações intensas, constantes e também sazonais.

Para Boullón (1999) não existe uma única versão explicativa do sistema turístico, o que não significa que haja muitos sistemas, mas somente um com várias facetas.

Beni (2001), influenciado pelas premissas da Teoria Geral dos Sistemas, estruturou o Sistema de Turismo (Sistur), entendendo que um sistema é um “conjunto de procedimentos, doutrinas, idéias ou princípios, logicamente ordenados e coesos, com intenção de descrever, explicar ou dirigir o funcionamento de um todo” (BENI, 2001, p. 44). O autor produziu, então, um *modelo referencial* para exemplificar esse sistema. Este modelo, de acordo com Beni (2001, p. 44), tem o intuito de situar o Turismo “em toda sua abrangência, complexidade e multicausalidade, em um esquema sintetizador dinâmico que demonstra as combinações multifacetadas de forças e energias, sempre em movimento”.

¹ Os sistemas abertos são os sistemas que proporcionam relacionamentos de intercâmbio com o ambiente, através de entradas e de saídas, ou seja, trocando matéria e energia regularmente com o meio ambiente (BERTALANFFY, 1975).

O modelo referencial do Sistor, conforme Figura 1, é composto por três grandes conjuntos: o das relações ambientais; da organização estrutural e das ações operacionais, que interagem possibilitando avaliar situações individuais e inter-relacionadas.

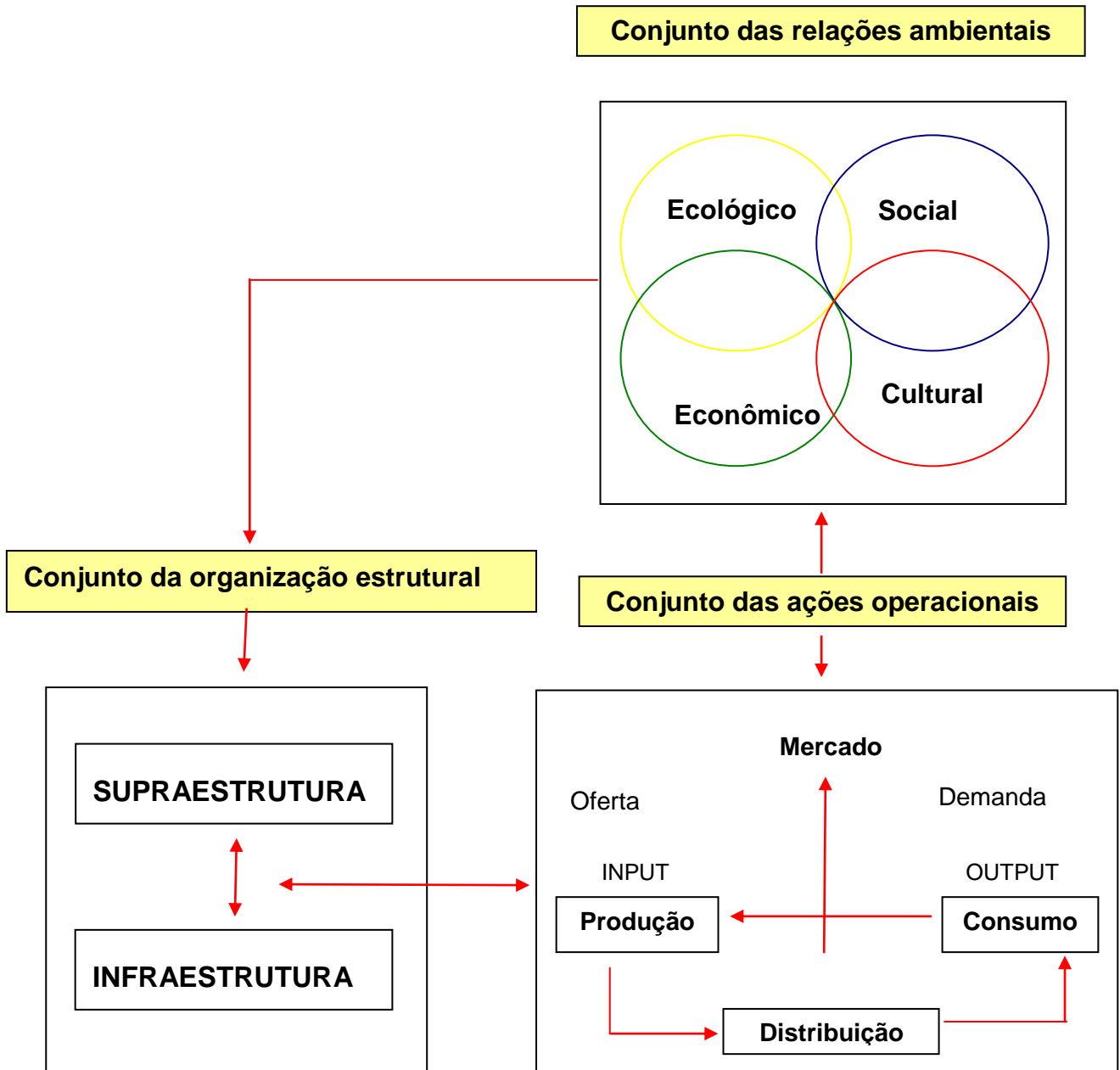


Figura 2 – Sistema de Turismo (Sistor) – Modelo Referencial

Fonte: Beni (2001, p. 48).

Além disso, este sistema é composto por alguns elementos: objetivos; ambiente; recursos; componentes e administração.

O objetivo geral do Sistor é:

Organizar o plano de estudos da atividade de Turismo, levando em consideração a necessidade, há muito tempo demonstrada nas obras teóricas e pesquisas publicadas em diversos países, de fundamentar as hipóteses de trabalho, justificar posturas e princípios científicos, aperfeiçoar e padronizar conceitos e definições, e consolidar condutas de investigação para instrumentar análises e ampliar a pesquisa, com a conseqüente descoberta e desenvolvimento de novas áreas de conhecimento em Turismo (BENI, 2001, p. 45).

Dentre os objetivos específicos podem-se destacar os seguintes:

1. Identificar características e classificar os fatores que determinam as motivações de viagens e a escolha das áreas de destinação turístico-recreativa.
2. Inventariar, de forma estruturada e sistêmica, o potencial de recursos turísticos naturais e culturais do território para a exploração racional da atividade de turismo e recreação.
3. Dimensionar a oferta existente e/ou projetada de transportes e equipamentos, instalações e serviços para o processo de ocupação turístico-recreativa do território.
4. Qualificar e determinar a demanda existente e/ou projetada de bens e serviços turísticos.
5. Diagnosticar deficiências, pontos críticos de estrangulamento e desajustes entre a oferta e a demanda.
6. Formular diretrizes de reorientação de programas de ação para determinar o planejamento estratégico de desenvolvimento do setor.
7. Analisar o significado econômico do Turismo e seu efeito multiplicador no desenvolvimento nacional.
8. Indicar procedimentos de execução e de controle de gestões setorial e global e políticas ágeis em seus subconjuntos.

O ambiente do Sistor, como assegura Beni (2001), não somente está fora do controle do sistema como um todo, como motiva em parte seu funcionamento. O autor esclarece que quando se afirma que alguma coisa está “fora” do sistema, isto denota que ele pode fazer relativamente pouco em relação às características e ao comportamento de tal coisa.

Os recursos do Sistor são considerados o reservatório geral a partir do qual as ações específicas do sistema podem ser formadas, ou seja, são os meios utilizados para desempenhar suas tarefas. As ações específicas são recebidas pelos

conjuntos de subsistemas, operando em interação com seus componentes (BENI, 2001).

Beni (2001) afirma que os subsistemas de cada conjunto do Sistor formam os seus componentes, representados nos conjuntos das Relações Ambientais, da Organização Estrutural e das Ações Operacionais, quais sejam: os subsistemas ecológico, econômico, social e cultural; da superestrutura; da infraestrutura; do mercado; da oferta; da demanda; da produção; da distribuição e do consumo.

A administração do Sistor é entendida como a criação de planos que envolvem seus objetivos globais, o ambiente, a utilização dos recursos, e os componentes – é o processo de controle do seu rendimento. No Sistor, este processo de controle é feito através do subsistema da superestrutura, que, na realidade e, essencialmente, estabelece o instrumento de administração do sistema global.

Outra abordagem de sistema turístico foi realizada por Molina (2000). Conforme Figura 2, este sistema é composto pelos seguintes elementos: a) superestrutura (órgãos oficiais e privados; leis, regulamentos, programas e planos); b) demanda (turistas e suas necessidades físicas e espirituais); c) atrativos (sítios naturais, museus e manifestações culturais, folclore, realizações técnico-científicas, eventos programados); d) equipamentos e instalações (hospedagem, alimentos e bebidas, entretenimento e outros, como as agências de viagem), e) infraestrutura (prestação dos serviços básicos ou de apoio ao sistema turístico, e também para gestão de outras atividades econômicas, como as vias de acesso, aeroporto, a rede de telefonia, entre outras); f) comunidade local (indivíduos que residem de forma permanente nos pólos turísticos).

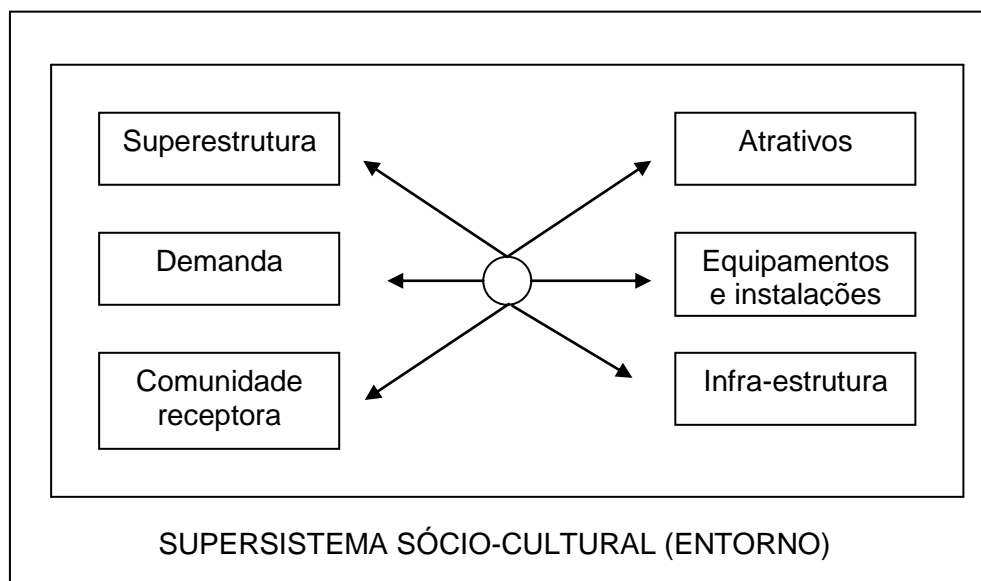


Figura 3 – O Sistema Turístico

Fonte: Molina (2000, p. 40).

Por ser um modelo completo e por atender as demandas da presente pesquisa, o modelo de sistema turístico adotado será o proposto por Beni (2001). A obra do referido autor é uma ferramenta de análise do setor turístico que revela a importância do planejamento no processo de desenvolvimento desta atividade no Brasil, destacando suas interfaces com a sociedade, com a economia e com a própria política do país.

3.4.1 Conjunto das Relações Ambientais

O conjunto das relações ambientais engloba quatro subsistemas: o ecológico, o econômico, o social e o cultural, que exemplificam a característica do sistema de se relacionar com o meio que o circunda, que por extensão é interdependente, mas nunca auto-suficiente.

3.4.1.1 Subsistema ecológico

O subsistema ecológico, de acordo com Beni (2001), abrange, em grande parte, o subsistema cultural. O seu principal elemento é a natureza, destacando o contato e a contemplação. Nele são analisados os seguintes elementos: espaço turístico natural e urbano e seu planejamento territorial; atrativos turísticos e consequências do turismo sobre o meio ambiente, preservação da flora, fauna e paisagens, compreendendo todas as funções, variáveis e regras de consistência de cada um desses elementos.

A importância da análise destes elementos dá-se pelo destaque do turismo não somente como uma força econômica poderosa, mas também, como um fator essencial na sustentabilidade da natureza (GOELDNER; RITCHIE; MCINTOSH, 2002). De acordo com estes autores, o meio ambiente é o núcleo do produto turístico.

Beni (2001) ressalta que não significa que esse subsistema seja mais relevante que os demais, porém é necessário entender que atualmente há uma preocupação do mundo inteiro com a ecologia, pois é ela que mantém todas as manifestações de vida no planeta e conseqüentemente do Sístur. Goeldner, Ritchie e McIntosh (2002) contribuem afirmando que o turismo tem o poder de aprimorar o meio ambiente, prover fundos para conservação, preservar cultura e história, estabelecer limites sustentáveis de utilização e proteger atrações naturais.

A OMT (2003) afirma que no campo do turismo é usual fazer distinção entre ambiente físico (a terra, o ar, a água, a vegetação, a vida selvagem) e o ambiente sociocultural (as pessoas e as forças sociais, econômicas, culturais e políticas que influenciam suas vidas). De acordo com estes autores, o ambiente físico é um recurso turístico importante. Os produtos e experiências turísticas que os visitantes buscam diferem em muito em relação às influências que sofrem deste ambiente. Por isso, a interação dos turistas com este ambiente pode-se dar através de três contextos: o meio ambiente como cenário, o meio ambiente como pano de fundo agradável e o meio ambiente como foco central.

No primeiro contexto o meio ambiente serve simplesmente como cenário para uma atividade, não sendo diretamente relevante para ela. O ambiente físico pode não ser o foco da atenção do turista, porém este exerce uma influência sobre ele através do uso de seus recursos e geração de resíduos. No segundo caso, a qualidade do ambiente exerce um efeito geral sobre as atividades, como comprar, relaxar, jogar tênis, golfe ou jantar, as quais podem acontecer em diversos pontos, mas são particularmente agradáveis em um contexto prazeroso e/ou exótico. No terceiro tipo de interação o meio ambiente é o foco da atividade e o turismo está enquadrado nesta categoria, já que muitos turistas viajam para experimentar ambientes naturais ou áreas de patrimônio.

As atividades turísticas, desenvolvidas nos espaços rurais e campestres, podem ser beneficiadas através do conhecimento obtido pela ciência ecológica

permitindo seu desenvolvimento permanente. Para isso, é imprescindível incorporar a perspectiva ecológica em todas as etapas do processo de planejamento turístico (BENI, 2001).

Entender os espaços que compõem o turismo é importante neste processo de planejamento. De acordo com Boullón apud Beni (2001), a linguagem do planejamento compreende vários tipos de espaço físico: real, potencial, cultural, natural adaptado, artificial, natural virgem, vital e turístico.

O espaço real refere-se a toda a superfície, a qual pode ser captada pelo homem através dos sentidos, é real porque se pode comprovar sua existência. Já o potencial, é a potencialidade de destinar o espaço real a algum uso diferente do atual. O espaço cultural é um espaço com alteração de sua fisionomia original produzida pela ação do homem; também denominado espaço adaptado, pois é a consequência do trabalho do homem preparando a terra para suas necessidades.

O espaço rural é a espaço natural adaptado pelo homem, no qual as espécies do reino vegetal, animal e mineral são conduzidas de acordo com as condições que o homem lhes fixou. O espaço artificial compreende o espaço onde predomina todos os tipos de artefatos produzidos pelo Homem, tem-se como maior expressão as cidades. As áreas em que não existem vestígios de ação do homem são denominadas espaço natural virgem. O espaço vital não se refere à Terra, mas sim aos seres vivos e ao meio ambiente favorável à existência do homem.

O espaço turístico é o resultado da presença e distribuição territorial dos atrativos turísticos, que constituem a matéria-prima da atividade turística. Este elemento ou componente do patrimônio turístico, mais o mapeamento, são suficientes para definir o espaço turístico de qualquer país. De acordo com Boullón (1999), os componentes do espaço turístico, conforme a superfície e grau de importância, são os seguintes: zona, área, complexo, centro, unidade, núcleo, conjunto, corredor, corredor de traslado ou transporte e corredor de estadia, todos seguidos do adjetivo qualificativo “turístico”.

Os atrativos turísticos podem ser transformados em recursos turísticos e aqueles constituem o patrimônio turístico. Para Beni (2001) são elementos passíveis de provocar deslocamentos de pessoas e que integram o marco geográfico-ecológico-cultural de um lugar, podendo ser subdivididos em naturais e culturais.

Estes recursos turísticos naturais fazem parte do ambiente físico e são passíveis de impactos positivos e negativos. Para amenizar os impactos negativos é necessário haver a conservação ambiental. Goeldner, Ritchie e McIntosh (2002) afirmam que já se espera que o turismo preserve e proteja o meio ambiente e suas atrações naturais, de forma que os indivíduos continuem a viajar, além de estabelecer limites para que os locais sejam verdadeiramente sustentáveis.

Uma das formas de se contemplar a conservação do meio ambiente é através do turismo sustentável, que é definido como a

maximização e otimização da distribuição dos benefícios do desenvolvimento econômico baseado no estabelecimento e na consolidação das condições de segurança sob as quais são oferecidos os serviços turísticos para que os recursos naturais sejam mantidos, restaurados e melhorados (PEARCE, 1989 apud BENI, 2001, p. 61).

De acordo com Beni (2001), algumas medidas são necessárias para a implantação do turismo sustentável e conseqüentemente da conservação ambiental, são elas:

- **Educação ambiental:** É fundamental para a conservação das áreas receptoras do turismo ecológico, deve atingir tanto a população residente como os turistas, a fim de preservar a atividade turística e garantir a oportunidade de emprego;
- **Capacitação profissional:** a preservação e a utilização dos atrativos naturais, para o turismo, também dependem da formação dos guias especializados para orientar e acompanhar a permanência dos turistas no espaço natural.
- **Estudo de Impacto Ambiental:** análise imprescindível para a conservação da integridade dos recursos naturais de interesse turístico, realizada por equipes multidisciplinares.
- **Capacidade de Carga:** número máximo anual de visitantes que o atrativo turístico natural pode suportar, sem sofrer alterações, considerando-se o equilíbrio dinâmico entre ambiente, quantidade de turistas e qualidade nos serviços instalados.
- **Plano de Manejo:** conjunto de normas de uso de uma área de interesse turístico e de gestão de seus recursos ou atrativos. O plano de manejo, em

harmonia com a implantação e a administração da área, deve garantir sua proteção e aproveitamento de acordo com os objetivos preservacionistas e conservacionistas.

- **Controle ambiental:** todos os projetos, programas e empreendimentos do turismo ecológico devem ser fiscalizados tanto pelo agente público quanto pelas organizações não governamentais.

Como o turismo utiliza o meio ambiente para a prática de sua atividade é inadiável e urgente que, este setor, se coloque na vanguarda da conservação dos recursos naturais, apesar de ele não ser o único ou o maior responsável por sua deterioração (BENI, 2001).

3.4.1.2 Subsistema econômico

De acordo com Archer e Cooper (2001), o turismo – tanto o internacional quanto o interno – gera uma notável redistribuição espacial da capacidade de auferir renda, com um impacto significativo na economia do destino. Por conta disso, os autores afirmam que os primeiros trabalhos, analisando o impacto do turismo no pólo receptor, estavam relacionados aos aspectos econômicos, justamente porque os impactos são de quantificação e mensuração mais fáceis, porém havia outro objetivo que era verificar o benefício econômico líquido trazido pelo turismo ao destino.

O turismo abrange grande parte da economia mundial, por isso a análise do subsistema econômico é importante para entender os impactos que gera na economia, uma vez que o turismo, visto como atividade econômica, compreende uma série de serviços que são oferecidos ao turista. O conjunto destes serviços, colocados efetivamente no mercado, constitui a cadeia de sua produção, distribuição, consumo e valor (BENI, 2001).

Para Beni (2001), a atividade turística move-se na esfera do econômico, por isso afirma que

a conjuntura econômica é condicionante permanente de sua evolução, tanto na ordem micro quanto na macroeconômica. Se o aspecto social, que de certa forma o configura, tem fundamental importância para o sujeito da ação e pelos fins sociais que o motivam, desde o momento em que o turista está obrigado a submeter-se à situação econômica [...], o fenômeno há de ser considerado nesta classe de modelo. (2004, p. 64).

De acordo com Beni (2001), o estudo deste subsistema tem por objetivo analisar as alternativas de utilização dos recursos existentes para a produção

turística nos destinos turísticos, a distribuição e circulação de renda gerada pela atividade e como e por que se processam os períodos de expansão e retração dos fluxos nacionais e internacionais de turistas. Estuda também, por um lado, a lógica do comportamento econômico dos viajantes (a decisão de viajar, o deslocamento, a hospedagem, a realização dos motivos da viagem, a permanência e os gastos) e, por outro, o comportamento das empresas e agentes públicos que operam nas localidades emissoras e receptoras.

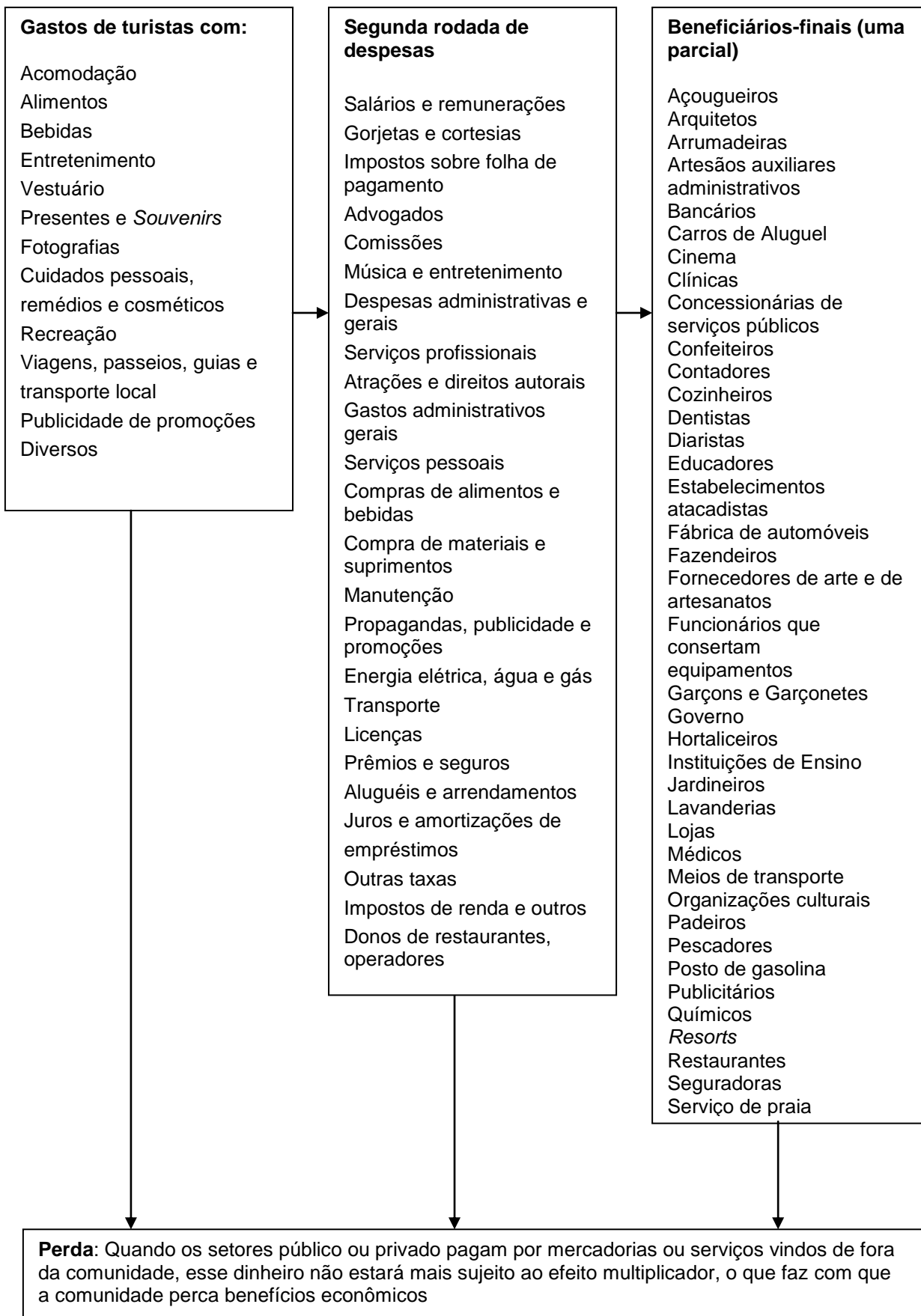
De acordo com o autor, o turismo é manifestação e contínua atividade produtiva, geradora de renda, que se acha submetida a todas as leis econômicas. Por outro lado, provoca indiretamente acentuadas repercussões econômicas em outras atividades produtivas, através do efeito multiplicador.

Para Beni (2001), além do desenvolvimento intersetorial ocasionado pelo turismo é simbolizado pelo efeito multiplicador, outro importante fator que a atividade possui é a capacidade de contribuir para a elevação da demanda de emprego e para o desenvolvimento de políticas de planejamento regional.

Barretto (1997), analisando o efeito multiplicador que o turismo provoca na economia assevera que:

o turismo tem efeitos econômicos diretos e indiretos na economia de um país. Os efeitos diretos são resultantes da despesa realizada pelos turistas dentro dos próprios equipamentos turísticos e de apoio, pelos quais o turista pagou diretamente alguma coisa. Os efeitos indiretos do turismo são resultantes da despesa efetuada pelos equipamentos e prestadores de serviços turísticos na compra de bens e serviços de outro tipo. Trata-se de um dinheiro que foi trazido pelo turista, mas que está sendo gasto por outrem que receberá o turista em primeira mão. Numa terceira etapa de circulação do dinheiro do turista estão os efeitos induzidos, que são constituídos pelas despesas realizadas por aqueles que receberam o dinheiro dos prestadores de serviços turísticos e similares (BARRETTO, 1997 p. 72).

A exemplificação do que afirma Barretto (1997) é apresentada no Quadro 1, que simboliza as implicações do efeito multiplicador.



Quadro 1 – Gastos dos turistas – efeito multiplicador

Fonte: (OMT, 2003, p. 111)

Os multiplicadores turísticos pretendem avaliar a relação entre a despesa turística direta na economia e o seu efeito secundário. Alguns fatores que afetam o multiplicador são o tamanho da economia local, a propensão dos turistas e moradores a comprar bens e serviços e a propensão de moradores a economizar, em vez de gastar (OMT, 2003).

Ignarra (2003) apresenta alguns multiplicadores econômicos utilizados no setor de turismo, são eles:

- Multiplicador de renda – representa as variações da renda interna em decorrência da variação dos gastos dos turistas;
- Multiplicador do emprego – mostra as variações do número de empregos de acordo com a variação dos gastos dos turistas;
- Multiplicador do produto - apresenta as variações do produto conforme a variação dos gastos dos turistas;
- Multiplicador de importações – apresenta o valor agregado das importações, de bens e serviços, em decorrência da variação dos gastos dos turistas;
- Multiplicador de impostos – representa o montante ampliado de receitas do governo em razão da variação dos gastos dos turistas.

O autor complementa afirmando que o comportamento da economia turística relaciona-se com três premissas básicas:

- O turista procura obter o máximo de satisfação com sua viagem;
- As empresas que oferecem bens e serviços turísticos tentam obter o máximo de lucro;
- A comunidade e o governo da localidade turística procuram maximizar os benefícios primários e secundários dos gastos dos turistas.

Para verificar se o turismo é uma boa estratégia para o destino, a OMT (2003) afirma que é necessário analisar os potenciais benefícios e custos gerados por esta atividade.

Alguns dos potenciais benefícios econômicos do desenvolvimento do turismo são:

- O aumento da renda e do padrão de vida, resultante das despesas turísticas;

- Novas oportunidades de emprego;
- Aumento da base tributária;
- Maior visibilidade para o destino, o que pode gerar outras oportunidades de desenvolvimento econômico;
- Melhoria de infraestrutura e instalações;
- Mais recursos para a proteção e conservação dos recursos naturais e do patrimônio cultural;
- Desenvolvimento do artesanato local.

Os custos potenciais a serem avaliados em relação a esses benefícios são:

- Emprego sazonal;
- Custo de vida mais elevado para os residentes;
- Poluição;
- Aumento no tráfego e nos congestionamentos;
- Impactos negativos sobre recursos culturais e naturais;
- Aumento da criminalidade;
- Aumento da tributação;
- Perda de receitas e dependência de bens e serviços importados;
- Superdependência do turismo como atividade econômica básica.

3.4.1.3 Subsistema social

Como consequência da globalização, percebem-se mudanças sociais e comportamentais, identificadas na nova sociedade global. Por conta disso, surgem alguns desafios, do mundo moderno, que exigem respostas urgentes e que precisam ser geridas e avaliadas em relação aos turistas e seu subsistema social.

Alguns desafios podem ser: nova cultura, nova hierarquia de valores; sociedade consumista (“ter” mais importante que “ser”); sociedade pluralista que não consegue oferecer um projeto global perfeito de sociedade; mundo dividido entre ricos, pobres e miseráveis (desigualdades); sociedade democrática: a autoridade está ligada mais no conteúdo de seus líderes do que na sua pessoa (a crítica é

expressão normal); sociedade dinâmica: o saber é fruto de busca constante e tenaz (não é patrimônio adquirido); sociedade em que a juventude constitui uma cultura à parte; sociedade em que a família é cada vez mais reduzida; mundo secularizado: horizonte dos interesses humanos já não coincide com o horizonte religioso (BENI, 2001).

A sociologia é a ciência da sociedade, das instituições e dos relacionamentos sociais. Quem visita uma comunidade ou região cria relacionamentos sociais que, geralmente, diferem muito das relações existentes entre a população nativa (GOELDNER; RITCHIE; MCINTOSH, 2002). Resumidamente, o subsistema social representa o estudo das implicações psicossociais do fenômeno turístico sobre as comunidades emissoras e receptoras.

A OMT (2003) afirma que à medida que a comunidade global avança no século XXI, duas forças fundamentais do turismo se destacam. A primeira está relacionada a uma maior responsabilidade e respeito com relação à população anfitriã e sua cultura, resultado do reconhecimento crescente de que o turismo pode ter impactos negativos sobre as pessoas e seus ambientes e muitas vezes os tem.

A segunda força conclama a uma maior responsabilidade por parte dos indivíduos que viajam, refletindo novos padrões de consumo, que incluem o aumento do turismo independente e o foco cada vez maior na educação e no autodesenvolvimento como motivadores de suas viagens. Essas duas forças podem ser vistas juntas nos princípios do turismo sustentável.

Percebe-se que o turismo sustentável está presente nos quatro subsistemas, justamente porque a sustentabilidade está baseada em cinco dimensões: social, econômica, ecológica, espacial e cultural. Todas essas dimensões devem ser trabalhadas juntas para que haja um desenvolvimento sustentável completo.

De acordo com a OMT (2003, p. 115), as definições do turismo sustentável enfatizam três características importantes, que geram impactos sociais, principalmente:

- Qualidade – o turismo sustentável proporciona uma experiência de qualidade de vida para visitantes, ao mesmo tempo em que melhora a qualidade de vida da comunidade anfitriã e protege a qualidade do meio ambiente.
- Continuidade – o turismo sustentável garante a continuidade dos recursos naturais nas quais se baseia e a continuidade da cultura da comunidade anfitriã, com experiências satisfatórias para os visitantes.

- Equilíbrio – o turismo sustentável equilibra as necessidades da indústria turística, dos defensores do meio ambiente e da comunidade local. Além disso, enfatiza os objetivos comuns e a cooperação entre visitantes, comunidade anfitriã e destinos, ao contrário das abordagens mais tradicionais, que enfatizam suas necessidades diversas e conflitantes.

Como se percebe nos outros, o subsistema social também apresenta impactos positivos e negativos. A OMT (2003) esclarece que os impactos na atividade turística costumam ser classificados como físicos, econômicos e socioculturais. No entanto, como suas consequências são complexas e inter-relacionadas, grande parte deles encontra-se em mais de uma categoria. Isto também ocorre quando se tenta definir impactos sociais e culturais.

Os impactos sociais, como regra geral, estão relacionados à transformação nas vidas das pessoas que moram em comunidades-destino, e estão mais associados ao contato direto entre moradores e visitantes. Os impactos culturais estão ligados à mudança nas artes, artesanato, costumes, rituais e arquitetura de um povo, constituindo-se em mudanças de longo prazo, que resultam mais do desenvolvimento turístico. Como a maior parte das consequências do turismo envolve mudanças na vida cotidiana e na cultura, o termo impactos socioculturais é utilizado para referir-se a mudanças nas experiências no dia a dia dos residentes, bem como em seus valores, estilo de vida e produtos intelectuais e artísticos (OMT, 2003, p.159).

No Quadro 2 é apresentado um resumo dos impactos socioculturais positivos e negativos do turismo.

Fator associado ao turismo	Impacto positivo	Impacto negativo
O uso da cultura como atração turística	<p>Maior apoio para culturas tradicionais e expressões de identidade étnica.</p> <p>Revitalização de artes, festivais e linguagem tradicionais.</p>	<p>Mudanças nas atividades e artes tradicionais para adequar-se à produção para turistas. Desagregação e aglomeração em atividades tradicionais. Invasão da privacidade.</p>
Contato direto entre moradores e turistas	<p>Quebra de estereótipos negativos, aumento das oportunidades sociais.</p>	<p>Reforço de estereótipos negativos. Aumento do comercialismo. Introdução de doenças. Efeito demonstração.</p>
Mudanças na estrutura empregatícia e econômica resultantes das transformações dos papéis sociais	<p>Novas oportunidades econômicas e sociais que diminuem a desigualdade social.</p>	<p>Conflito e tensão na comunidade. Aumento da desigualdade social. Perdas de linguagem.</p>

Desenvolvimento de instalações turísticas	Maiores oportunidades recreativas.	Impossibilidade de acesso a locais e atividade recreativas.
População maior, em função do turismo e do desenvolvimento associado	Apoio a instalações médicas, educacionais e outras que melhoram a qualidade de vida.	Superpopulação e congestionamento viário. Aumento da delinquência.

Quadro 2 – Resumo dos impactos socioculturais positivos e negativos do turismo

Fonte: OMT (2003, p. 161).

O efeito demonstração é associado a um afrouxamento nas restrições tradicionais da comunidade local. Um exemplo seria quando os moradores mais jovens são expostos, com muita frequência, a turistas estrangeiros e em consequência tendem a imitar seus hábitos e sua maneira de vestir (OMT, 2003).

Ainda sobre impactos, Goeldner, Ritchie e McIntosh (2002) asseguram que os efeitos finais das experiências de viagem, sobre a população local bem como sobre a área de destinação, determinam se as sociedades estimulam ou não o turismo.

Para Doxey (apud Ruschmann, 1997) são identificados cinco estágios da crescente desilusão de uma comunidade receptora com a atividade turística.

No estágio inicial ocorre a **euforia**, no qual existe entusiasmo e vibração das pessoas em relação ao desenvolvimento do turismo. Por isso essas pessoas recebem os turistas e é registrado um sentimento de satisfação mútua. Há um incremento de oportunidades de emprego, negócios e lucros que aumentam com o fluxo de turistas.

A segunda fase é representada pela **apatia** da população residente com o crescimento e consolidação da atividade, pois se considera a rentabilidade do setor garantida e o turista é julgado como um meio para obtenção de lucro fácil. Isso torna os contatos humanos mais formais que os do estágio anterior.

A **irritação** caracteriza a terceira fase, que se revela quando a atividade começa a atingir níveis de saturação ou quando o pólo turístico não tem capacidade de atender às exigências da demanda, que se torna excessiva.

Na quarta fase percebe-se o **antagonismo**. Os turistas são vistos como responsáveis por problemas da localidade e também pelos males ocorridos. Por

conta disso a polidez e o respeito mútuo desaparecem e o turista passa a ser hostilizado pela população.

O quinto estágio é entendido como a **conscientização**, pois a população conscientiza-se de que ocorreram mudanças que modificaram suas impressões sobre o turismo, ou seja, não há como somente obter vantagens sem ocorrer mudanças. A população percebe que seu ecossistema foi transformado e que o turismo crescerá com ou sem a aprovação deles.

Para que não ocorra tanto impacto (negativo), o turismo pode incentivar o aumento da interatividade e a harmonização dos interesses dos grupos sociais. De acordo com Krippendorf (2001), harmonizar o desenvolvimento turístico implica, antes de tudo, esclarecer os interesses, muitas vezes contraditórios, e estabelecer uma ordem de prioridades. Para o autor as diversas necessidades e interesses se situam em três níveis.

O primeiro nível engloba os objetivos e os conceitos das pessoas envolvidas e interessadas. De um lado estão as regiões turísticas e seus habitantes, que pretendem preservar sua herança cultural e o seu meio ambiente e, ao mesmo tempo, aproveitar as possibilidades de melhorar a posição econômica e social. Do outro lado, os turistas querem sair de suas regiões para mudar os horizontes, descobrir coisas novas e aumentar seus conhecimentos do mundo.

No segundo nível, situam-se objetivos e interesses das pessoas, das empresas e das instituições, que intervêm ativamente no sistema do turismo, e têm um interesse de caráter profissional no mesmo. O terceiro nível abrange os interesses das pessoas e dos grupos que só aparecem ocasionalmente e de forma fortuita, no sistema turístico, e depois se vão.

Então, para o autor, a existência do desenvolvimento harmonioso do turismo exige o respeito absoluto à hierarquia desses objetivos. É imprescindível que os propósitos do primeiro nível – portanto, os interesses do conjunto de turistas e população local – tenham precedência sobre aqueles dos outros níveis, isto é, das diversas categorias profissionais. Nesse primeiro nível, é necessário tentar conciliar as necessidades da população local e dos turistas, e conceber o desenvolvimento de tal forma que as realizações sejam lucrativas para ambos. Para tanto, é necessário que estes últimos se ajustem e ajam de comum acordo, se possível no

âmbito de um contrato que atente para o equilíbrio dos interesses de forma coercitiva, num período prolongado. Em caso de incompatibilidade, é importante sempre colocar os interesses dos autóctones acima dos interesses dos turistas.

A comunidade autóctone, para Beni (2001) é a que recebe importantes grupos em mobilidade (turistas e os trabalhadores temporários – a população flutuante). Para o turismo reveste-se de muita importância, pois é um ponto de confluência de três grupos humanos – os turistas, os trabalhadores temporários e a comunidade receptora.

Citando mobilidade é importante entender que ela deu ao mundo uma nova fisionomia, que originando novas formas de vida, transformaram linhas conservadoras de pensamento. É representada pelos contatos entre as pessoas que amplia e enriquece as maneiras de pensar e agir (horizontes culturais), contribui com uma nova fisionomia (rompendo fronteiras). É através dela que o turismo é realizado, pois está intrinsecamente ligado à mobilidade por se influenciarem mutuamente (BENI, 2001).

3.4.1.4 Subsistema cultural

O subsistema cultural é estudado com o objetivo de analisar e delimitar os elementos componentes do patrimônio cultural, de cada localidade, permitindo seu manuseio responsável e efetiva utilização turística.

Para identificar o patrimônio cultural é relevante entender o que é um espaço cultural. Para Beni (2001, p. 86) o espaço cultural é “aquela parte da superfície terrestre que teve sua fisionomia e ‘aura’ originais mudados pela ação do homem”; é produto da intervenção do trabalho físico e mental do homem no espaço natural.

Os recursos turísticos culturais são, pois, os produtos diretos das manifestações culturais. Entendendo que não existe somente uma cultura, Beni (2001, p. 86) conceitua cultura como sendo o “conjunto de crenças, valores e técnicas para lidar com o meio ambiente, compartilhado entre os contemporâneos e transmitido de geração em geração”.

Como não existe somente uma cultura, percebe-se, então, que existe uma diversidade cultural a disposição do turismo, na forma de artesanato, gastronomia, idioma, artes (cênica, plásticas, música), tradições, arquitetura, festas e história. A

figura 3 apresenta um esquema que retrata a divisão do subsistema cultural baseada na diversidade cultural existente.

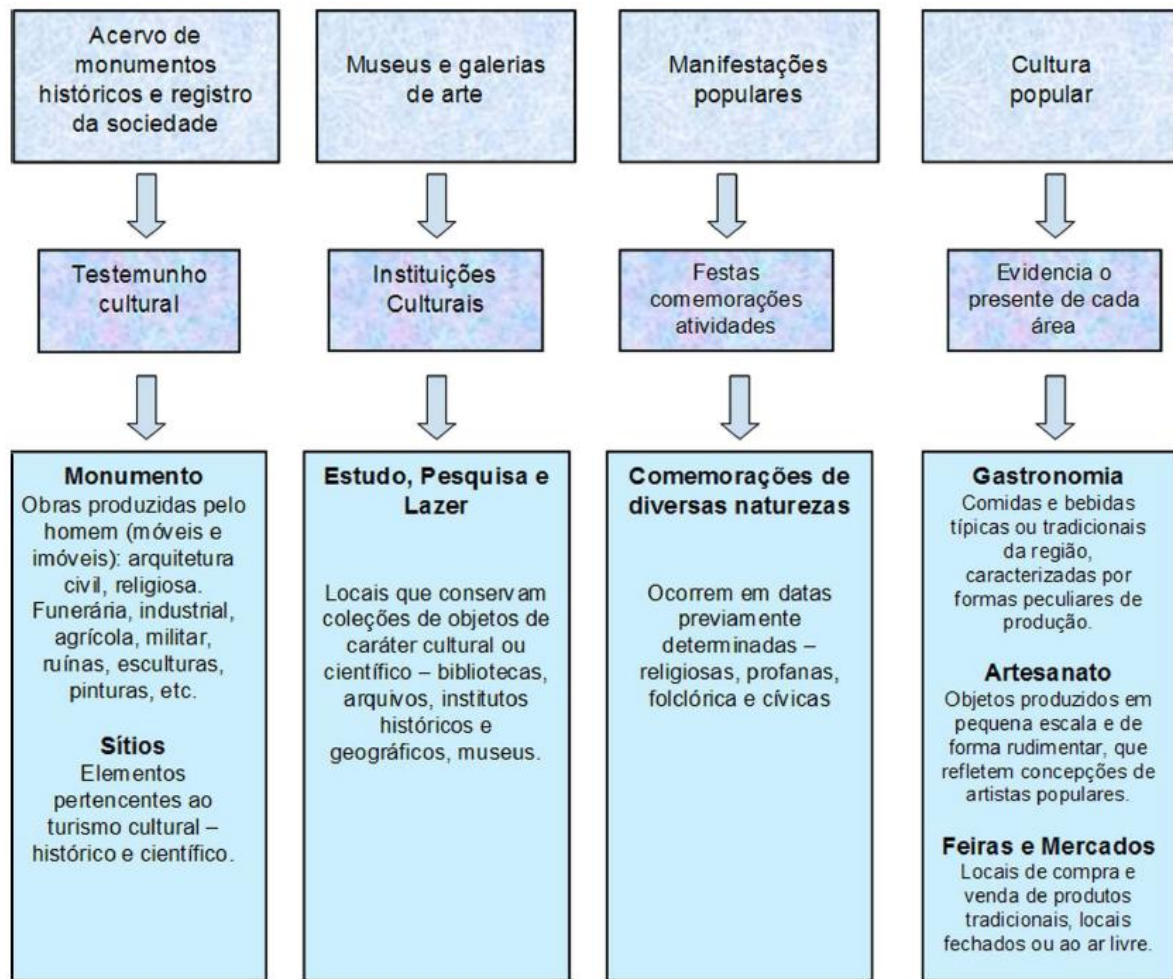


Figura 4 - Esquema de divisão do subsistema cultural

Fonte: Santos e Molin (2008) baseado na obra de Beni (2001).

O turismo cultural é, conforme Beni (2001), a forma representativa da manifestação dos bens culturais de uma determinada localidade. E, portanto, pode-se dizer que, em linhas gerais, toda forma de turismo é cultural (FUNARI; PINSKY, 2001). Os autores esclarecem que não é o que se vê, mas como se vê, que caracteriza o turismo como cultural. Ruschmann (1997) afirma que é impossível desconsiderar a cultura como um dos mais importantes motivos para as viagens turísticas.

Para Sessa (apud BENI, 2001), o turismo pode contribuir de duas formas: diretamente, como resultado de uma experiência cultural que enriquece a população visitada e visitante com a aquisição dos valores que ambas possuem; e

indiretamente, que consiste no planejamento (antes da viagem) e na verificação natural de pontos de dúvida entre o turista e o estrangeiro.

O turismo tem a capacidade de auxiliar na preservação de valores culturais que proporcionam, também, um valor específico para o turista (BENI, 2001). O autor acrescenta que o turismo, em certo sentido, pode ser um instrumento que serve de veículo à reabilitação das culturas, contribuindo em grande medida para sua difusão mundial. Além disso, Ignarra (2003) ratifica que o turismo cultural pode ser uma ferramenta importante na promoção de relações culturais e também de cooperação internacional.

Além dos impactos socioculturais apresentados no Quadro 2, Ruschmann (1997) acrescenta que os impactos culturais podem ser divididos em favoráveis ou desfavoráveis. Os favoráveis são estes: valorização do artesanato, valorização da herança cultural e orgulho étnico e, valorização e preservação do patrimônio histórico. Enquanto os desfavoráveis são: descaracterização do artesanato, vulgarização das manifestações tradicionais, arrogância cultural, e, destruição do patrimônio histórico.

De acordo com Smith (1978 apud IGNARRA, 2003), os impactos culturais vão se intensificando à medida que o volume de turistas se amplia, conforme é apresentado no Quadro 3.

Tipo de turista	Número de turistas	Impacto sobre a comunidade
1. Explorador	Muito limitado	Aumentando rapidamente
2. Elite	Raramente visto	
3. Excêntrico	Incomum, mas visto	
4. Fora do comum	Ocasional	
5. Massa incipiente	Fluxo regular	
6. Massa	Influxo contínuo	
7. Vôo fretado	Chegada maciça	

Quadro 3 – Os impactos do turismo de acordo com os tipos de fluxos turísticos

Fonte: Smith (1978 apud IGNARRA, 2003, p. 180).

3.4.2 Conjunto da Organização Estrutural

O conjunto da organização estrutural corresponde aos elementos que possibilitam a implantação e o desenvolvimento da atividade turística. Para Beni

(2001) este conjunto apresenta dois componentes imprescindíveis para o desenvolvimento do turismo: a infraestrutura e a superestrutura.

O subsistema da infraestrutura fornece todos os elementos básicos para os empreendimentos turísticos se instalarem e atender, direta ou indiretamente, as necessidades dos visitantes. No subsistema da infraestrutura examinam-se as questões relativas à natureza e ao custo dos investimentos necessários, e o momento adequado para realizá-los. O que se analisa, detalhadamente, nesse subsistema é a infraestrutura de acesso com seus componentes viário e de transporte, e as condições básicas de habitabilidade e apoio aos equipamentos e serviços turísticos (BENI, 2001).

O subsistema da superestrutura para Beni (2001) refere-se à complexa organização, tanto pública quanto privada, que permite harmonizar a produção e a venda de diferentes serviços do Sistor. Compreende a política oficial de turismo e sua ordenação jurídico-administrativa, que se manifesta no conjunto de medidas de organização e de promoção dos órgãos e instituições oficiais, e estratégias governamentais que interferem no setor.

3.4.3 Conjunto das Ações Operacionais

O conjunto ações operacionais do Sistor apresenta, como componente básico, o subsistema da oferta turística (produção) que interage diretamente com o subsistema da demanda turística (consumo), constituindo, junto com subsistema de distribuição, o que denominamos de mercado turístico. Este conjunto envolve a dinâmica da atuação das organizações que compõem o Sistor.

Beni (2001, p.149) afirma que “para cada produto turístico pode-se identificar um tipo de mercado, real e potencial. Pode-se falar então de mercados turísticos”.

Lage e Milone (2001) afirmam que, por suas peculiaridades específicas, o mercado turístico pode ser classificado em: mercado turístico direto (no qual se oferecem e consomem bens e serviços plenamente relacionados ao turismo, como excursões e pacotes de turismo, city tours, vôos *charters*); e mercado turístico indireto (em que se oferecem e consomem bens e serviços parcialmente relacionados ao turismo, tais como: os restaurantes, os transportes, os alojamentos). Os autores complementam que os mercados turísticos, também, podem ser classificados por suas características próprias ou motivações de realização.

A oferta turística pode ser definida como a quantidade de bens e serviços turísticos que as empresas são capazes de oferecer a um dado preço, em determinado período (LAGE; MILONE, 2001). Beni (2001) afirma que a oferta básica do turismo é o conjunto de equipamentos, bens e serviços de alojamento, de alimentação, de recreação e lazer, de caráter artístico, cultural, social ou de outros tipos, com a capacidade de atrair e assentar, numa determinada região, durante um período determinado de tempo, um público visitante. Para o autor, em suma, a oferta em turismo pode se concebida como o conjunto de recursos naturais e culturais que, em sua essência, constituem a matéria-prima da atividade turística, pois são esses recursos que provocam a afluência de turistas.

O subsistema de produção está relacionado aos fatores de produção que são combinados para resultar em uma unidade do produto turístico, que se expressa no mercado como bens e serviços vendidos através da demanda diversificada. O processo produtivo da atividade turística realiza-se mediante a exploração dos recursos turísticos, isto é, os atrativos naturais e culturais que dispõem um determinado país, combinados com tecnologia, trabalho e capital (BENI, 2001).

De acordo com Beni (2001), o processo de distribuição no Sistor é o conjunto de medidas tomadas com o intuito de levar o produto ou serviço do produtor ao consumidor. Como nos demais setores da economia, a distribuição no turismo abrange as seguintes atividades: escolha dos canais, seleção dos intermediários, seleção da oferta, programação de visitas, prospecção e entrega da oferta aos intermediários, venda, relatório e controle das vendas. Apesar de existirem essas atividades semelhantes, é necessário ater-se às características específicas do produto turístico.

A demanda turística é definida como o conjunto de turistas que, em grupo ou individualmente, se desloca, periodicamente e por um determinado período de tempo para fora de sua residência habitual, motivado por várias razões, desde que não seja para trabalhar ou exercer atividade remunerada (MONTEJANO, 2001). Com outra abordagem, Lage e Milone (2001) conceituam a demanda turística como sendo a quantidade de bens e serviços, que os indivíduos desejam e são capazes de consumir a um dado preço, em determinado período de tempo, sendo o agente econômico responsável pela demanda turística, o consumidor de produtos turísticos ou somente turistas.

Beni (2001) contribui afirmando que essas pessoas que se deslocam, com o propósito recreativo ou por outras necessidades e razões, demandam a prestação de alguns serviços básicos (transporte, hospedagem, restaurantes, etc).

O subsistema de consumo está estreitamente relacionado com as preferências do consumidor, que reflete no seu comportamento. No caso do turismo e na concretização da viagem o turista depara-se com um complexo processo de decisão para escolher o que visitar, onde, como e a que preço. Nessa opção, vários fatores entram em cena para determinar o motivo central da viagem, seja esta de realização pessoal e social, profissional, empresarial, de negócios, cultural, científico ou de lazer (BENI, 2008).

Uma ampla variedade de dados sobre o comportamento do consumidor, qualitativos e quantitativos, é necessária para a gestão eficiente em turismo, como asseguram Swarbrooke e Horner (2002): perfis estatísticos dos turistas, registros estatísticos sobre o comportamento do turista, processos decisórios de compra, percepções do consumidor, satisfação do turista, tendências no comportamento do turista, critérios de segmentação, posicionamento do produto em relação à concorrência, atitudes dos não usuários, diferenças nacionais no comportamento do turista. Beni (2001) afirma que as empresas e os órgãos de turismo estão interessados em possuir estes dados, para direcionar suas estratégias de marketing.

4. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Assim como o turismo é um fenômeno complexo e diversificado, a atividade turística no Pantanal Sul, e particularmente em Miranda/MS, também apresenta diversas particularidades. O estudo do Sistur mostra que o turismo pode ser analisado de diversas maneiras, porém no presente estudo o objetivo foi analisar o turismo rural na região de Miranda/MS com o enfoque nos ambientes ecológico, econômico, social e cultural do Sistur.

4.1 Turismo Rural em Mato Grosso do Sul

As primeiras experiências desta atividade ocorreram com a implantação de empreendimentos em diversos municípios do Estado, algumas com grande sucesso, como Miranda, Aquidauana, Jardim, Bonito e Corumbá. Mas por ser um turismo de baixa escala é necessário que se potencialize todos os efeitos positivos, por isso é importante que se tenha funcionários capacitados, que seja ambientalmente correto, sintonizado com os valores locais, para atingir uma demanda de qualidade (SEBRAE, 2002).

O governo de Mato Grosso do Sul dividiu o Estado em algumas regiões turísticas, como pode-se ver no quadro abaixo. Nota-se que nas regiões Rota Norte, Caminhos da Fronteira e Pantanal a modalidade do turismo rural está presente. Isso mostra o interesse do governo em incentivar esse tipo de turismo, explorando as potencialidades de cada região.

Regiões	Atividades	Municípios	Destaques
Campo Grande e Região	Turismo Cultural, Negócios, Eco-turismo, Agro-tecnológico, Rural, Místico, Eventos	Capital, Rochedo, Rio Negro, Terenos, Corguinho, Jaraguari e Sidrolândia	Campo Grande destaca-se por sua área verde, avenidas largas, rede hoteleira variada, boa infra-estrutura de comércio e de serviços.
Rota Norte	Turismo, Histórico Cultural, Agro-tecnológico, Eco-turismo, Rural	Alcinópolis, Bandeirantes, Camapuã, Cassilândia, Chapadão do Sul, Costa Rica, Coxim, Figueirã, Pedro Gomes, Rio Verde, São Gabriel e Sonora	Esculturas, sítios arqueológicos, grutas, serras, morros cânions, cupins luminosos e a Rota das Monções.
Costa Leste e Região	Esporte Náutico, Tecnológico, Negócios, Eventos, Lazer, Ecoturismo, Histórico	Água Clara, Anaurilândia, Aparecida do Taboado, Bataguassu, Batayporã, Brasilândia, Inocência, Paranaíba, Ribas do Rio Pardo, Santa Rita do Pardo, Selvíria e Três Lagoas	Pleno desenvolvimento sustentável, oportunidades de negócios e eventos e modelo a ser estudado e conhecido por outras regiões do país e do mundo.
Bonito – Serra da Bodoquena	Ecoturismo, Esporte, Lazer, Contemplação, Aventura, Negócios, Eventos	Bela Vista, Bodoquena, Caracol, Guia Lopes, Nioaque, Jardim e Bonito	A região é contemplada com inúmeros rios de águas cristalinas, aquários naturais, grutas com lagos magníficos, lagoas, crateras repletas de vida selvagem.
Caminhos da Fronteira	Turismo Ecológico, Rural, Agro-tecnológico, Eventos, Histórico-Cultural, Compras	Amambaí, Aral Moreira, Caarapó, Cel. Sapucaia, Douradina, Dourados, Eldorado, Fátima do Sul, Igua-temi, Itaporã, Itaquiraí, Japorã, Laguna Carapã, Maracaju, Mundo Novo, Nova Alvorada, Paranhos, Ponta Porá, Rio Brillhante, Sete Quedas, Tacuru, Vicentina	Lindas paisagens desenhadas por florestas, serras e cerrados. Tem clima privilegiado e é uma das mais ricas do país em recursos hidrominerais. Passeios entre rios que formam praias de água doce, cachoeiras e quedas d'água.
Pantanal	Turismo Rural, Pesca Esportiva, Ecoturismo, Observação de Pássaros, Científico, Histórico-Cultural, Compras	Anastácio, Aquidauana, Dois Irmãos do Buriti, Corumbá, Ladário, Miranda e Porto Murtinho	Um dos mais belos cenários naturais do Brasil, com grande biodiversidade. Concentração de vida selvagem.

Fonte: FUNDTUR – Sistema de Informações e Estatística/GPPDT/CGR/04-07-2008

Quadro 4 – Regiões turísticas de Mato Grosso do Sul

De acordo com o Sebrae/MS, para que o turismo rural se desenvolva no Estado é preciso superar algumas dificuldades como: a estrutura fundiária, com

grandes propriedades distantes dos centros emissores, com estradas sem pavimentação, carência de infraestrutura de energia elétrica e telefonia fixa, a dificuldade de obtenção de crédito e falta de mão-de-obra qualificada.

O Governo do Estado de Mato Grosso do Sul e o Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequena Empresas do Mato Grosso do Sul – Sebrae/MS são grandes incentivadores do turismo rural como uma atividade do agronegócio. Os dois órgãos trabalham para unir os produtores rurais em associações, incentivam a mudança dos equipamentos anteriormente destinados ao cliente de pesca para o cliente de família, como forma de fortalecer a atividade (ZIMMERMANN, 2000).

De acordo com o Ministério do Meio Ambiente (2003), MS é o estado onde o turismo rural mais cresce no Brasil, com 20% de média anual contra 10% da média nacional.

O Sebrae/MS, juntamente com algumas universidades de Campo Grande/MS, fez uma pesquisa sobre o desenvolvimento do turismo rural em Mato Grosso do Sul. A pesquisa foi feita com 23 proprietários rurais. A seguir são apresentados alguns resultados obtidos com as entrevistas.

O nível de escolaridade da maioria dos proprietários é de nível superior 75%, e estão distribuídos entre muitas profissões, mas as que tem destaque são as de administradores com 21%, e de advogados com 31%.

Dos entrevistados, 77% residem na propriedade, sendo que apenas 40% ficam permanentemente na propriedade, 13% ficam apenas nos finais de semana e 13% passam duas semanas seguidas, por mês, na propriedade. A maioria dos proprietários trabalha com a atividade agropecuária há 30 anos.

Em relação a capacitação turística, 82% afirmam que receberam capacitação profissional, nas diferentes áreas, e são destacados os cursos do Sebrae/MS (25%) e do Fundo de Amparo ao Trabalhador (20%), entre outras instituições.

A maioria dos proprietários, 91%, não vive somente da atividade turística, tem outras atividades econômicas como a pecuária e outras (60%), e ainda existem os que vivem de aposentadoria (11%).

A responsabilidade pelo empreendimento turístico é dos proprietários, com 86%, além disso, são gerentes das propriedades (95%).

A maioria das propriedades tem atividade turística há mais de 4 anos (39%), com 30% vem as que trabalham a cerca de 1 a 2 anos. Os proprietários investiram no empreendimento com recursos próprios (90%). Em relação a mão-de-obra, 45% das propriedades tem parentes trabalhando, mas o contingente maior não é da família (55%).

De acordo com a pesquisa, a quantidade de funcionários trabalhando nas propriedades é uma média de 01 a 10 funcionários, mas a quantidade predominante é de 01 a 03 com 31,81%. Do total dos funcionários, 57% são homens e 47% são mulheres.

Os proprietários decidiram investir no turismo rural principalmente por ter um lugar propício (28,57%) e 19,54% investiram para complementar a renda.

Em relação ao público das fazendas, 91% são de família e 73% são de jovens. A quantidade de visitantes por semana é de 01 a 50 visitantes.

Os atrativos da natureza oferecidos nas propriedades são dos mais variados, mas destacaram-se as trilhas com 30%, em seguida córregos e açudes (19%), apenas 3% possuem grutas na propriedade. Já os atrativos ligados a produção agropecuária, 28% possuem hortas, 23% tem rebanho e ainda existem algumas propriedades que oferecem a oportunidade aos visitantes de fabricarem alimentos (13%) e colherem frutas (13%).

Em relação às atividades recreativas as mais citadas foram o passeio a cavalo (26%), a contemplação de pássaros (20%), o pesque e solte (17%) e o passeio de barco (14%). Ainda existem atrativos ligados a atividade esportiva, onde 64% oferecem a pesca, 45% vôlei e 41% futebol; outras atividades citadas somam 44%, que estão relacionadas: biribol, bicicleta ergométrica, *playground* e piscina.

Quanto às atividades relacionadas à educação ambiental tem destaque a interpretação ambiental com 50%, seguido de palestras com 25% e reciclagem de lixo com 25%. Em relação aos atrativos culturais merecem destaques as seguintes atividades: culinária (39%), artesanato (25%) e estórias folclóricas (17%).

As unidades habitacionais possuem ventilador, ar condicionado, frigobar e outros elementos que oferecem o conforto necessário ao turista. Em relação a quantidade, na maioria das propriedades varia de 21 a 50 leitos. Em relação a espaços de lazer oferecidos a maioria tem sala de tv e vídeo, também oferecem variados tipos de jogos. 86% dos empreendimentos possuem restaurante típico, e 50% deles possuem capacidade de refeitório entre 01 a 50 atendimentos.

A captação de clientes é feita pelos proprietários (34%), agências/operadoras (34%), em seguida pelos familiares (22%) e empregados (10%). Os contatos realizados com os clientes são feitos através de telefone (40%), seguido pela Internet (28%). Os meios de divulgação mais utilizados são o *folder*, o boca-a-boca (informal) e *homepage*.

4.2 Turismo no Pantanal Sul

O Pantanal é um dos pólos turísticos que mais se destaca no Estado. Possui no Estado de MS uma representatividade de 65% e é caracterizada como uma planície alagável, por isso a paisagem pantaneira altera-se profundamente durante as duas estações do ano, a seca (abril a outubro) e a chuvosa (novembro a março). Nas últimas décadas tem havido uma revalorização dessa região decorrente, sobretudo, da sua inclusão, em 1988, na Constituição Brasileira como Patrimônio Nacional da União. Mais recentemente, pelas suas características especiais e por sua importância para a humanidade, o Pantanal foi reconhecido pela UNESCO, em 2000, como Reserva da Biosfera (CASTELNOU et. al., 2003).

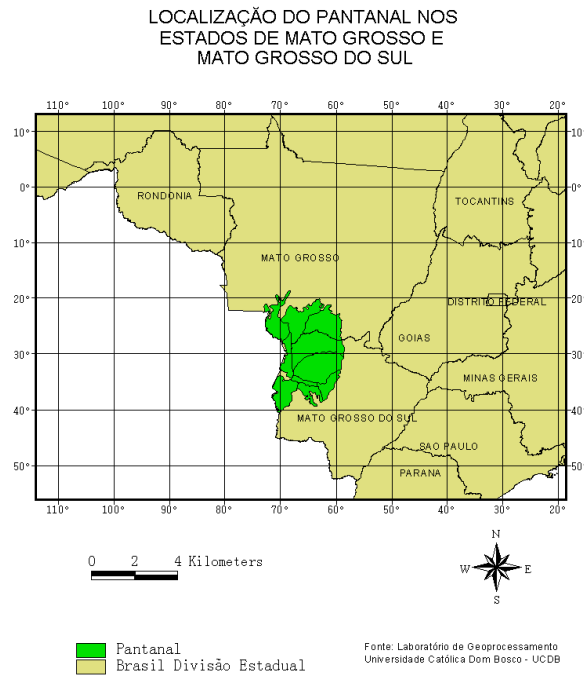


Figura 5 – Localização do Pantanal

As principais atividades econômicas desenvolvidas na planície pantaneira são a pecuária, a pesca, o turismo, a extração de minérios e, em menor escala, mas crescendo, a agricultura (AMARAL; SILVA, 2007). Para Banducci Jr (2003) de todas as atividades desenvolvidas no Pantanal, a pecuária foi a mais determinante, tanto do ponto de vista econômico, quanto ocupacional.

Amaral e Silva (2007) afirmam que com a diminuição gradual da importância da pecuária, começa a despontar lentamente o turismo. Para Moretti (2001) os primeiros visitantes do Pantanal foram “aventureiros”, que procuravam lugares alternativos para o lazer e para o contato com paisagens diferenciadas.

As paisagens e os rios repletos de peixes são grandes atrativos turísticos que, naturalmente, conduziram fazendeiros a transformar suas propriedades em hotéis-fazenda. Garms (2004) ratifica que o Pantanal Sul Mato-grossense vem assumindo, desde os fins da década de 70, importância como espaço que está sendo organizado e consumido pelo lazer, através do turismo.

Além da crise na pecuária extensiva praticada no Pantanal, Moretti (2001) aponta alguns fatos que viabilizaram a transformação do Pantanal em ponto de

atração, tais como: transformação mais intensa das condições naturais dos rios da região Sudeste em consequência da urbanização e industrialização; construção e melhoria dos meios de transporte; implantação pelo Estado de programas e projetos nacionais e regionais de incentivo ao turismo; investimentos feitos por pescadores amadores na construção de “ranchos de pesca”; destaque dado pela mídia (televisão, imprensa escrita) e construção de hotéis com melhor qualidade de atendimento.

O turismo pesqueiro está consolidado no Pantanal e atrai cerca de 80 mil pescadores por ano. São desenvolvidas três modalidades principais de pesca: a de subsistência, integrada na cultura regional, que constitui importante fonte de proteína para as populações ribeirinhas; a pesca esportiva e a pesca profissional, na qual estão envolvidos ao menos 3.500 pescadores em toda a região (AMARAL; SILVA, 2007).

Amaral e Silva (2007) asseveram que nos últimos anos o turismo cresceu de forma significativa e melhorou a infraestrutura. Aperfeiçoou os serviços, em especial para o turismo ecológico, rural e de pesca, com importante desenvolvimento para o artesanato, às vezes produzido em projetos de geração de renda de populações tradicionais. A maioria dos turistas que procuram o Pantanal ainda é formada por pescadores amadores, mas o ecoturismo e o turismo rural atraem cada vez mais os investidores e os visitantes.

Xavier (2007) afirma que na região do Pantanal, nos seus três principais municípios Corumbá, Miranda e Aquidauana, encontram-se duas importantes formas de hospedagem: o hotel-pousada e o hotel-fazenda. As principais atividades realizadas nas propriedades são: passeio a cavalo, a pé e de barco para conhecer as diferentes paisagens pantaneiras; participar da pesca e do dia-a-dia da fazenda e saborear os pratos típicos da região.

4.3 Turismo em Miranda/MS

Pela localização do município e características do grupo étnico, pode-se supor que foram os Terena os primeiros habitantes da região. Em Miranda, existem aldeias de índios Terena, sendo a maior delas a Aldeia Cachoeirinha. A segunda maior população indígena do Estado está concentrada em Miranda. Como cidade

pantaneira, tem-se convertido em cidade turística de uso rural, com o reaproveitamento de fazendas, chácaras e instalação de hotéis.

Miranda é considerada o Portal do Pantanal Sul, pois a grande planície alagada começa praticamente dentro da cidade. Na entrada, o turista já encontra uma flora tipicamente pantaneira, assim como várias espécies da fauna, com destaque para as aves.

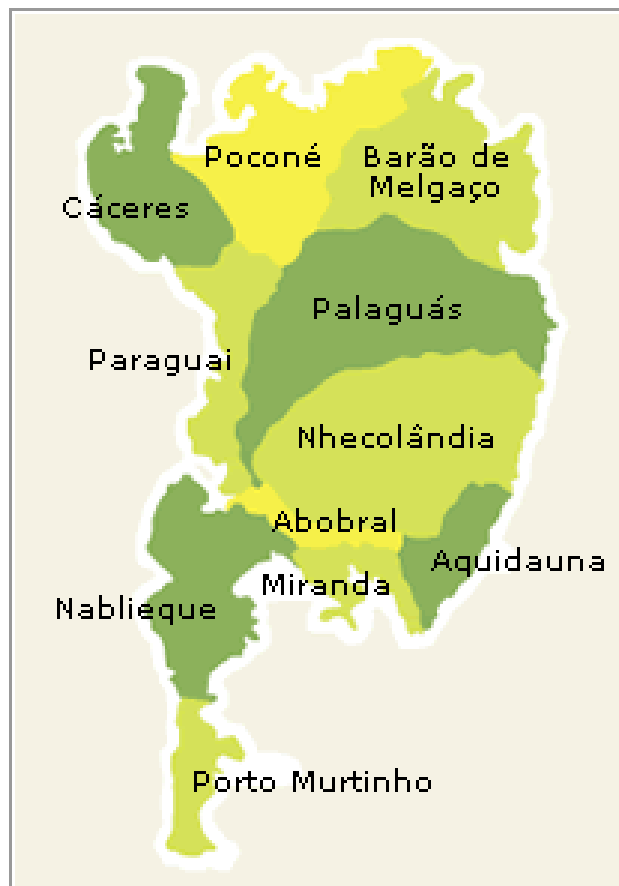


Figura 6 – Divisão do Pantanal

Fonte: http://viagem.uol.com.br/guia/cidade/pantanal_index.jhtm

Uma densa floresta, cortada por rios perenes, caracteriza o Pantanal do Rio Miranda. Os principais rios são o Miranda e Salobra, grande parte dos leitos desses rios correm pela Serra da Bodoquena, que tem formação calcária.



Figura 7 – Pantanal do Rio Miranda

Fonte: www.jaguarinpantanal.com/pantanal.php

As chuvas carregam para o **Pantanal** uma grande quantidade de sedimentos ricos em cálcio e magnésio, formando uma terra rica bem diferente do solo arenoso encontrado no Pantanal da Nhecolândia. Isto caracteriza solo fértil propiciando a formação de densa floresta.

No Pantanal de Miranda encontra-se campos cheios da Palmeira Carandá (*Copernicia alba*) e formações arbóreas com espécies dominantes tipo o Ipê Amarelo “Para Tudo” (*Tabebuia aurea*) e o Ipê Rosa “Piúva Pantaneira” (*Tabebuia impetiginosa* and *T. heptaphyla*). Esta formação arbórea conhecida localmente como Paratudais e Piuvais atraem as pessoas pela beleza das cores de suas flores.

Pela proximidade da Serra da Bodoquena, o Pantanal de Miranda encontra em zona de transição entre serra e planície propiciando uma grande diversidade de ambientes e aumentando a chance de encontrar um grande número de espécies de aves.



Figura 8 – Pantanal do Rio Miranda alagado

Fonte: www.jaguarinpantanal.com/pantanal.php

O PDTUR/MS assinalou alguns pontos fracos e fortes da atividade em Miranda. Os pontos fracos apresentados foram:

- Falta de conscientização turística na comunidade;
- Pouca infraestrutura turística com qualidade (hotéis, restaurantes, etc.);
- Recursos naturais explorados sem infraestrutura adequada;
- Oferta hoteleira limitada;
- Serviços turísticos de baixa qualidade;
- Poucos atrativos em oferta;
- Falta de mão-de-obra qualificada para o turismo;
- Acessos aos recursos em condições precárias;
- Visual urbano pouco atraente;

Os pontos fortes visualizados na pesquisa foram:

- Recursos naturais com qualidade ambiental;
- Localização próxima ao eixo de distribuição de fluxo;
- Possibilidades de integrar-se com facilidade ao macro destino turístico regional;
- Comunidade disposta a buscar seu desenvolvimento local;

- Existência de um Plano com diretrizes para o desenvolvimento da atividade turística;

No ano de 2006 a Prefeitura de Miranda instituiu o Plano Diretor da cidade e na Seção intitulada Do Desenvolvimento Econômico e Social, é apontada como uma diretriz o fortalecimento do segmento do turismo, através da exploração econômica do potencial do território, especialmente no tocante ao patrimônio histórico, cultural e arquitetônico. Isso mostra que a prefeitura está atenta para essa atividade que traz, porém pode trazer mais, desenvolvimento para o município.

4.4 Análise do Subsistema Ecológico

O subsistema ecológico é o que mais se destaca na região do Pantanal, pois o seu atrativo está baseado principalmente no meio ambiente. Os elementos naturais e artificiais, que o compõem, explicam o desenvolvimento da atividade turística. Constituem atrativos que, embora mal organizados, tornam-se mercadorias valorizadas que são consumidas pelo turismo (GARMS, 2004).

Na Fazenda Santa Inês houve uma preocupação com o meio ambiente desde a implantação da atividade turística, pois foi realizado um estudo de viabilidade juntamente com o Sebrae/MS e por consequência houve treinamento com os funcionários. Além disso, foi realizado um estudo de impacto ambiental para causar o menor impacto possível com as atividades a serem implantadas.

A questão da educação ambiental, na fazenda, para os turistas é feita através de trilhas educativas e os monitores complementam com informações durante o passeio. Dois funcionários foram treinados para serem monitores ambientais, para o restante foram repassadas as informações recebidas durante o curso. Por conta disso, percebe-se (por parte do proprietário e dos funcionários) que há a preservação da flora, da fauna e das paisagens da região, pois não se observa mais com tanta frequência a matança dos animais, a queimada nos pastos. Tem-se o interesse de preservar a natureza por respeito, mas principalmente porque na atual conjuntura ela é considerada um atrativo comercial.



Figura 9 – Paisagem do lago na Fazenda Santa Inês

Foto: Ariany Maia dos Santos

Na propriedade são observadas práticas relacionadas ao desenvolvimento sustentável, como: a redução, reutilização e reciclagem de recursos materiais (existem coletores diferentes para papel, plástico e vidro); a destinação adequada dos resíduos (o lixo não fica na natureza); o consumo responsável da energia e da água; em uma escala pouco efetiva a redução da poluição atmosférica (tendo em vista que diminuíram as queimadas) e o controle de substâncias tóxicas e adversas (elas são evitadas).

A fiscalização ambiental realizada no empreendimento é feita pela Secretaria de Estado do Meio Ambiente (SEMA) e pela Polícia Florestal.

que também realizaram o curso de monitoria ambiental, para estarem aptos a exercer esta atividade.

Com a conscientização dos turistas e empregados, observou-se desde a implantação do turismo na fazenda a preservação da fauna, flora e paisagem do Pantanal. Dois exemplos existentes na propriedade são os projetos “Arara Azul” e “Papagaio Verdadeiro”. Os principais objetivos do Projeto “Arara Azul” são desenvolver estudos de biologia básica, reprodução, comportamento, requerimentos de habitat, manejo e educação ambiental para a conservação da espécie na natureza. O projeto “Papagaio Verdadeiro” gera informações sobre a biologia e ecologia dos papagaios, que auxiliam na tomada de decisão sobre a conservação da espécie e do ambiente onde vivem.



Figura 11 – Guias na Fazenda San Francisco

Fonte: www.fazendasanfrancisco.tur.br

As práticas relacionadas ao desenvolvimento sustentável, citadas na propriedade, são a redução, reutilização e reciclagem de recursos materiais e o consumo responsável de energia e água.

O Sebrae teve um importante papel na implantação do turismo na Fazenda Baía Grande, pois foi realizada uma consultoria que comprovou que era viável agregar a atividade turística na fazenda, sendo que foram necessárias apenas algumas adaptações. Não foi realizado plano de manejo ou estudo de impacto ambiental, somente houve o pedido de licença ambiental.



Figura 12 – Cavalgada na Fazenda Baia Grande

Fonte: www.fazendabaiaigrande.com.br

A educação ambiental para os funcionários é feita através de palestras, orientando sobre lixo, caça, conservação, etc. Além disso, existe um guia especializado que, participou do curso de monitor ambiental, e foi capacitado para repassar as informações para os outros funcionários e para os turistas, em virtude disso observa-se a preservação da fauna, flora e paisagem da região. Verifica-se um maior respeito das pessoas para com a natureza, por isso os animais estão aparecendo mais na propriedade.



Figura 13 - Área de convivência na Fazenda Baía Grande

Foto: Ariany Maia dos Santos

Através dos dados apresentados, pode-se verificar que a preocupação com o meio ambiente está presente em todos os estabelecimentos, isso corrobora com a máxima de que o meio ambiente é o núcleo do produto turístico (GOELDNER; RITCHIE; MCINTOSH, 2002). Ratificando esta afirmação, Beni (2001) salienta que esse subsistema mantém todas as manifestações de vida no planeta e conseqüentemente do Sistor.

Frata (2007) afirma em sua pesquisa realizada em Bonito/MS, na qual a autora analisou os quatro subsistemas aqui considerados, que naquele município a forma de cuidar do meio ambiente tornou-se um dos principais fatores de atração no segmento do turismo. Com esta afirmação, pode-se verificar que o destino Pantanal de Miranda/MS está no caminho certo, pois uma de suas maiores preocupações está em preservar/conservar o meio ambiente.

O destino Bonito/MS já sofreu com a exploração dos recursos naturais e por isso hoje se preocupa com normas de funcionamento dos passeios turísticos, Miranda ao contrário está precavendo-se para que não tenha que utilizar medidas de recuperação.

Para que a conservação ambiental seja alcançada, algumas medidas são importantes, entre essas medidas duas foram percebidas nas entrevistas: são a educação ambiental e a capacitação profissional. Em relação ao estudo de impacto ambiental, à capacidade de carga e ao plano de manejo verifica-se que essas providências não foram tomadas para minimizar o impacto da atividade turística no meio ambiente. Todavia isso é resultado da falta do controle ambiental, pois deveria haver mais fiscalização por parte do poder público e pelas organizações não-governamentais.

Garms (2004) afirma que a evolução e consumo, como espaço desta natureza, são resultado de necessidades econômicas locais e, ao mesmo tempo, fruto da especialização crescente da produção numa base regional, mas determinada ou definida externamente, onde o processo urbano industrial cria, nos seus habitantes, a necessidade dos espaços que, no seu "locus" cotidiano, não encontra mais.

Beni (2001) assevera que é imprescindível incorporar a perspectiva ecológica, em todas as etapas do processo de planejamento turístico. Na presente

pesquisa isso é evidenciado, pelo interesse na conservação e preservação da vida animal e vegetal, e também pela paisagem das propriedades pesquisadas.

Apesar de haver esta preocupação com a natureza, percebe-se que os impactos sobre o ambiente natural são inúmeros, uma vez que o turismo no Pantanal se utiliza deste recurso para promover a atividade. Moretti (2001) aponta, alguns como: quando ocorreram construções e reformas de hotéis, na região, conseqüentemente houve o desmatamento do entorno, com o objetivo de limpar o terreno e facilitar o acesso do turista ao rio; com a modernização dos hotéis foi necessária a instalação de geradores de energia alimentados por combustível (principalmente óleo diesel) e com isso os resíduos químicos foram lançados no ar e na água; ocorreu também a mudança de consumo com a aquisição de produtos industrializados, em substituição aos bens produzidos localmente, isto aumentou a geração de resíduos sólidos, líquidos e gasosos.

Percebe-se que a Fazenda San Francisco está mais conectada com o subsistema ecológico, pois possui diversos programas de preservação de animais em extinção, programas de educação ambiental, além disso, possui licenciamento ambiental para todas as atividades.

Um ponto muito importante a ser destacado neste subsistema, um “divisor de águas”, foi o curso de Monitor Ambiental recebido pelos “peões” das fazendas. Eles se mostraram entusiasmados com as lições aprendidas sobre o cuidado com o meio ambiente, e também como orientar os turistas para que eles procedessem de forma ambientalmente responsável. Nas entrevistas percebeu-se que eles tinham outra visão sobre a preservação e conservação dos recursos naturais. Como eles estão satisfeitos de estarem trabalhando com o turismo, entenderam que precisam manter a fauna, a flora e a paisagem do local protegida.

Quando a OMT (2003) faz a distinção entre ambiente físico (a terra, o ar, a água, a vegetação, a vida selvagem) e o ambiente sociocultural (as pessoas e as forças sociais, econômicas, culturais e políticas que influenciam suas vidas), e afirma que os produtos e experiências turísticas, que os visitantes buscam, diferem em muito em relação às influências que sofrem do ambiente físico. Depreende-se das entrevistas realizadas que o turismo rural, no Pantanal, enquadra-se na interação do turista, tendo o meio ambiente como foco central, visto que neste tipo de interação o meio ambiente e a paisagem são o motivo principal da visita e os turistas tem o

objetivo de experimentar os ambientes naturais e as áreas de patrimônio. Em síntese, o que realmente atrai os visitantes para a realização da atividade turística é a paisagem do Pantanal “desenhada” pela sua fauna e flora.

4.5 Análise do Subsistema Econômico

Como o turismo gera um impacto significativo na economia da localidade, analisar este item é importante para verificar as transformações positivas e negativas ocorridas no destino.

Para o proprietário da Fazenda Santa Inês o turismo trouxe um incremento na renda da propriedade, por conta disso melhorou o padrão de vida da família. Verificou-se um aumento nas oportunidades de emprego para a população, e não houve aumento do custo de vida após a implantação do turismo. Os funcionários consideram que também houve uma melhora no padrão de vida, pois a renda da família aumentou. Perceberam que surgiram maiores chances de empregos. Eles concordam que o custo de vida não aumentou, já que consomem basicamente o que é produzido na fazenda, e como residem ali constatam que houve uma melhoria na infraestrutura básica com a implantação do turismo.

Para a implantação do turismo foram necessárias algumas melhorias na infraestrutura para receber os turistas, como: a construção da piscina, do pesqueiro, do refeitório e compra de equipamentos e animais.

Observa-se, por parte do proprietário, que o governo investe na atividade turística através de propaganda e da manutenção das estradas. Percebeu que recursos surgiram para a preservação dos recursos naturais e para o patrimônio cultural, visto que houve a criação de museus destinados a turistas, a proteção do rio Salobra, a inauguração do Trem do Pantanal.

O proprietário afirma que as empresas tornaram-se mais oportunistas, pois começaram a focar no turista de classe alta, aumentando os preços das mercadorias.

Os turistas permanecem na propriedade uma média de 3 a 5 dias, como geralmente vende-se pacote fechado (hospedagem e transporte) os únicos gastos que os turistas tem são com bebidas e *souvenirs*.

Na Fazenda San Francisco o turismo também trouxe um acréscimo na renda da propriedade e melhorou o padrão de vida da família. Percebeu-se um aumento na oferta de empregos para a população, e a diretora assinalou que não houve aumento no custo de vida para os moradores.

Para os funcionários o turismo melhorou o padrão de vida e a renda da família, pois agora eles têm emprego fixo. Na opinião deles, o turismo proporcionou maiores chances de empregos e melhoria na infraestrutura básica, de outro lado o custo de vida não aumentou.

A infraestrutura na propriedade foi aprimorada através dos anos para receber os turistas, houve investimento principalmente nos quartos e na recepção aos turistas. A diretora acredita que as empresas tornaram-se mais oportunistas com a chegada dos turistas, pois muitas instalaram-se na região para explorá-los. O surgimento de verbas para a preservação dos recursos naturais e patrimônio cultural não foi percebido por parte da diretora.

A maioria dos turistas que visita a fazenda permanece de 1 a 2 dias, sendo o day-use o mais praticado, por isso os gastos que os turistas tem na fazenda são basicamente com *souvenirs*, pois os pacotes são fechados com transporte e refeição.

Assim como nas outras duas fazendas pesquisadas, na Fazenda Baía Grande percebeu-se um aumento na renda da propriedade com o turismo, em consequência melhorou o padrão de vida da família. Verificou-se também um aumento de emprego e renda para a população, e o diretor percebeu que o custo de vida aumentou. Os funcionários apontaram que houve uma melhora no padrão de vida da família, pois como alguns disseram a esposa, que antes não trabalhava, agora ajuda em algumas tarefas da fazenda e conseqüentemente aumenta a renda da família. Eles assinalaram também que a oferta de empregos aumentou com o turismo, o custo de vida não cresceu e que houve uma melhoria na infraestrutura básica.

Para receber os turistas novos apartamentos foram construídos e outros reformados, foi construído um restaurante para os hóspedes, ocorreu a ampliação da cozinha, construção da sala de leitura, entre outras transformações.

O poder público investe na atividade turística, na ótica do diretor, em folheteria e promoções do destino em feiras nacionais e internacionais. O diretor acredita que não surgiu auxílio para a preservação dos recursos naturais e patrimônio cultural.

Os turistas permanecem de 3 a 5 dias na fazenda e, de acordo com o diretor, gastam em torno de US\$ 100,00 por dia.

Beni (2001) afirma que um dos objetivos do subsistema econômico é analisar as alternativas de utilização dos recursos existentes para a produção turística nos destinos turísticos, diante disso pode-se perceber que no Pantanal houve uma transformação significativa na utilização dos recursos, que antes eram usados somente para a pecuária, agora compartilham com o turismo. O turismo vem aos poucos modificando a vida do pantaneiro. Apesar de a principal atividade econômica ser a pecuária, ocorreu uma adaptação em que os fazendeiros transformaram-se em gerentes, e os peões se tornaram guias.

Resumidamente, o turismo rural mostra-se como uma atividade importante para as fazendas pesquisadas, tendo em vista que houve um aumento na renda e uma melhora no padrão de vida, tanto para proprietários quanto para funcionários. Beni (2003) afirma que o turismo possui a capacidade de contribuir para a elevação da demanda de emprego e não foi diferente neste pólo turístico, pois a oferta de empregos aumentou e isso colabora para o desenvolvimento local, pois as famílias não precisam deixar a cidade em busca de emprego. Um fator importante, percebido nas entrevistas, foi o da mulher do peão ser inserida como trabalhadora na fazenda e participar da renda da família.

Em Bonito/MS, de acordo com Frata (2007), os entrevistados acreditam que não há uma política voltada para o turismo por parte do Governo, eles afirmaram que as ações são incipientes, dificultando assim o desenvolvimento de localidades com aptidão para o turismo. Diferentemente de como afirmou dois dos entrevistados, que acreditam que o Governo incentiva o turismo, através de propaganda, principalmente.

O surgimento do turismo nesta região transforma o seu conteúdo principal em mercadoria, que passa a ser comercializada, consumida, refletindo-se nas atividades econômicas e na infraestrutura regional, que se organiza e se constitui

para tanto. A expectativa, dentro de uma visão economicista, era a de que o turismo seria capaz de salvar a região do isolamento e associá-la ao progresso, integrando-a, através dele, à economia regional e nacional. Ao lado de ser mais uma opção econômica regional, tornar-se-ia mais uma opção para o turismo nacional, incorporando-se às demais no país, e ao mesmo tempo atendendo aos objetivos que pretendiam, naquele momento, o crescimento do turismo interno (GARMS, 2004).

Banducci Jr (2003) afirma que, apesar de criar novas oportunidades de emprego, o turismo não está preocupado com a inserção social e a valorização da mão-de-obra. As ofertas surgem sob condições que o próprio empreendimento determina, dificilmente favoráveis aos trabalhadores, sem formação escolar e sem especialização no mercado turístico, que comumente exercem atividades de baixa remuneração e, muitas vezes, insalubres, envolvendo uma série de riscos.

Sobre a lógica do comportamento econômico dos viajantes, de acordo com Xavier (2007) verificam-se diversas motivações, desde empresários à procura de um final de semana tranquilo para pescar, até interessados em mostrar aos filhos a diversidade da fauna e flora e a lida com o campo. A autora afirma que os turistas permanecem na região entre 2 a 3 dias, ou seja, é um tipo de turismo itinerante e de curta duração. Este dado é confirmado através da pesquisa realizada, conforme as respostas dos entrevistados, os turistas não permanecem um longo período na fazenda, geralmente hospedam-se durante um final de semana (1 a 2 dias) ou um feriado prolongado (3 a 5 dias).

4.6 Análise do Subsistema Social

O subsistema social representa o estudo das implicações psicossociais do fenômeno turístico sobre as comunidades, tanto emissora quanto receptora. Os impactos sociais, como regra geral, estão relacionados à transformação nas vidas das pessoas que moram em comunidades-destino, e estão mais associados ao contato direto entre moradores e visitantes.

Na Fazenda Santa Inês, o proprietário observa que a comunidade local apresenta uma boa aceitação em relação aos turistas, tendo em vista que existe o contato direto entre eles. Para ele houve uma mudança na estrutura de empregos na

região, pois há uma maior procura por profissionais que falam inglês e espanhol. O aumento na população não foi percebido com o desenvolvimento do turismo.

Os trabalhadores da fazenda acreditam que houve uma transformação através do turismo, pois antes eles não tinham contato com pessoas de outros países, com diferentes culturas. Eles afirmaram que, após começarem a trabalhar com o turismo, a responsabilidade ambiental foi a questão que mais alterou na vida. Para eles a comunidade local estimula o turismo, já que a oferta de empregos foi incrementada com a vinda dos turistas. O aumento da população foi percebido somente na área urbana de Miranda, nas fazendas a população continuou a mesma.

A diretora da Fazenda San Francisco acredita que existe um contato direto entre moradores e turistas, visto que a maioria dos funcionários são moradores da cidade de Miranda, que foram treinados para o recebimento de visitantes no atrativo. Ela acredita que a comunidade local aceita os turistas. A mudança na estrutura de empregos na região foi percebida através da diversificação da atividade econômica, por isso houve um aumento da população após o desenvolvimento do turismo.

Os funcionários da Fazenda San Francisco acreditam que houve uma transformação significativa na vida deles, principalmente por causa da chance do emprego e de ter contato com diversas pessoas. Tendo em conta que a oferta de empregos melhorou a comunidade local estimula o turismo. Eles acreditam que houve aumento na população.

Para o diretor da Fazenda Baía Grande ocorre um contato entre os moradores e turistas, tanto na cidade quanto na fazenda. O diretor acredita que a comunidade aceita a visita destes turistas, e os funcionários observam que os moradores estimulam o turismo, pois essa atividade econômica só trouxe ganhos para todos. Tanto os funcionários quanto o diretor acreditam que não houve aumento da população após o desenvolvimento do turismo.

Verificou-se uma mudança na estrutura de empregos na região, visto que com o desenvolvimento do turismo, novos tipos de funções tiveram que ser exercidas, como a de monitor ambiental. Os funcionários confirmam que houve uma transformação na vida após o turismo, pois antes eles só trabalhavam na lida do campo, atualmente tem a chance de conviver com os turistas e ter contato com novas culturas.

De um modo geral verifica-se no subsistema social que existem alguns impactos positivos com a atividade turística: a população aceita e estimula o turismo, os trabalhadores tiveram sua vida transformada, houve uma diversificação do emprego.

De acordo com Frata (2007), em Bonito/MS a comunidade local apresenta uma boa aceitação aos turistas, pois está consciente de que o turismo traz benefícios para o local onde vivem, assim como foi afirmado pelos proprietários e funcionários entrevistados nesta pesquisa. Diferentemente de Miranda, na cidade de Bonito, o turismo aumentou o custo de vida naquela cidade, tendo em vista que os mesmos produtos consumidos pela população local são consumidos pelos turistas. A autora afirma que a comunidade vive numa via de mão dupla, pois se beneficia pelo emprego gerado pelo turismo e ao mesmo tempo arca com o ônus de se viver em uma cidade turística.

A OMT (2003) afirma uma das forças fundamentais do turismo está relacionada a uma maior responsabilidade e respeito com relação à população anfitriã e sua cultura, resultado do reconhecimento crescente de que o turismo pode ter impactos negativos sobre as pessoas e seus ambientes e muitas vezes os tem. Pode ser percebido na presente pesquisa que houve pequenas transformações sociais, porém o respeito ao ambiente social, ao estilo de vida do pantaneiro mantém-se, até mesmo porque isso é um atrativo para os visitantes.

De acordo com as respostas pode-se enquadrar a população (incluindo os funcionários) no estágio da **conscientização** (DOXEY apud RUSCHMANN, 1997), pois a população conscientizou-se de que ocorreram mudanças que modificaram suas impressões sobre o turismo, ou seja, não há como somente obter vantagens sem ocorrer mudanças. A população percebeu que seu ecossistema foi transformado e que o turismo crescerá com ou sem a aprovação deles.

Pode-se dizer que nas fazendas pesquisadas há uma busca para que as três características importantes enfatizadas nas definições de turismo sustentável que geram impactos sociais, demonstradas pela OMT (2003), estejam presentes no cotidiano e nas ações dos empreendimentos.

A Qualidade, na qual o turismo sustentável proporciona uma experiência de qualidade de vida para visitantes, ao mesmo tempo em que melhora a qualidade de

vida da comunidade anfitriã e protege a qualidade do meio ambiente é visualizada nas fazendas nas atitudes dos guias e funcionários que transmitem para aos turistas seus valores e preocupações.

A Continuidade, quando é garantida a continuidade dos recursos naturais nas quais se baseia e a continuidade da cultura da comunidade anfitriã, com experiências satisfatórias para os visitantes. O Equilíbrio, uma vez que o turismo sustentável harmoniza as necessidades da indústria turística, dos defensores do meio ambiente e da comunidade local. Como o turismo, nas propriedades pesquisadas, não tem um impacto negativo significativo percebe-se que a continuidade e o equilíbrio são assegurados.

4.7 Análise do Subsistema Cultural

O subsistema cultural é estudado com o objetivo de analisar e delimitar os elementos componentes do patrimônio cultural de cada localidade, permitindo seu manuseio responsável e efetiva utilização turística. Como não existe somente uma cultura, percebe-se, então, que existe uma diversidade cultural à disposição do turismo, na forma de artesanato, gastronomia, idioma, artes (cênicas, plásticas, música), tradições, arquitetura, festas e história.

A cultura indígena e os “causos” contados pelos moradores são, para o proprietário da Fazenda Santa Inês, os componentes culturais que mais atraem os visitantes. Por isso as manifestações culturais que mais atraem os turistas estão relacionadas ao índio e ao homem pantaneiro. Os valores da cultura local são transmitidos através de conversas durante as cavalgadas e o tradicional tereré. O proprietário e os funcionários acreditam que há uma política de valorização da cultura regional realizada pelo Sebrae, que investe em pequenas aldeias e também realizando cursos na cidade. O artesanato da região é valorizado e é vendido em outras cidades como Bonito e Foz do Iguaçu.

O proprietário, assim como os funcionários, acredita que não houve vulgarização das manifestações culturais e invasão cultural, por parte dos turistas, que possa modificar os hábitos dos moradores.

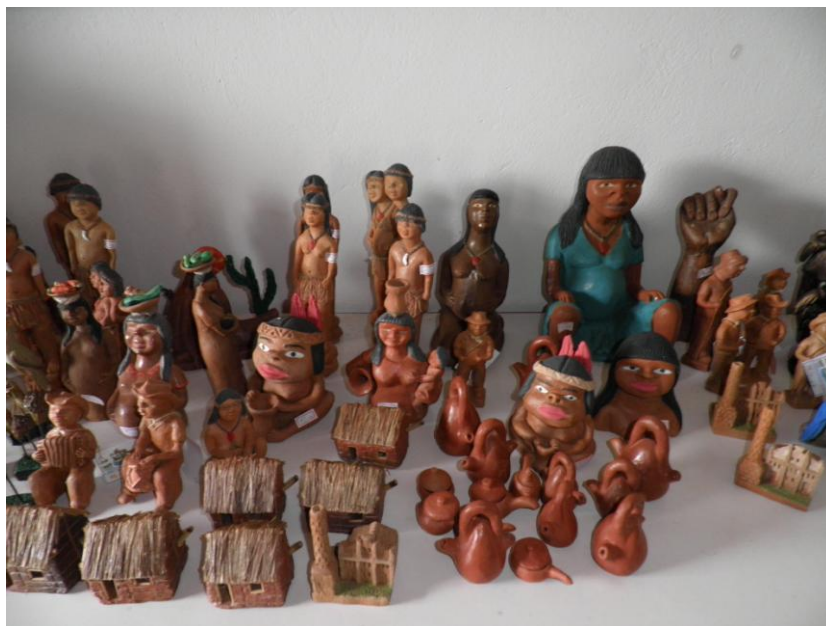


Figura 14 – Artesanato vendido na Fazenda Santa Inês

Foto: Ariany Maia dos Santos

A diretora da Fazenda San Francisco, bem como os funcionários, acredita que o componente cultura é um fator importante para atrair os turistas, porém não é o atrativo principal. Ela acredita que não há uma valorização da cultura regional e muito menos do artesanato; já os funcionários acreditam que houve uma valorização da cultura regional, pois os produtos artesanais estão presentes em todas as pousadas. A vulgarização das manifestações culturais não foi constatada no local, e também não se verificou a invasão cultural na mudança de hábitos.

Para tentar valorizar a cultura na região, a diretora faz parcerias com alguns artesãos que fornecem peças de artesanato para que ela venda na loja de seu atrativo (conforme figura 15 abaixo), isso não ajuda muito no aumento da renda do atrativo, mas sim dos artesãos locais, além disso, faz com que o turista tenha a seu alcance peças de artesanato para levar como *souvenirs*.

Para a diretora as manifestações culturais que mais atraem os turistas são as danças típicas, as vestimentas e o estilo de viver; já para os funcionários o artesanato é o que mais atrai. Os valores da cultura regional são transmitidos através de conversas e de receitas das comidas típicas.



Figura 15 – Loja de produtos artesanais na Fazenda San Francisco

Fonte: www.fazendasanfrancisco.tur.br

A cultura da região, na opinião do diretor da Fazenda Baía Grande e dos funcionários, é um importante ponto de atração para os turistas, pois eles querem ter contato com o modo de vida pantaneiro. A valorização da cultura regional e do artesanato é percebida, pois após o advento do turismo na região o artesanato foi aprimorado. Como nos outros atrativos turísticos, a vulgarização e a invasão cultural não foram percebidas.

O artesanato da Fazenda Baía Grande é feito pela esposa de um peão, que antes não vendia suas peças na cidade, mas agora tem um aumento em sua renda que vem através do artesanato vendido aos turistas. Essa foi uma forma de valorizar a cultura, mostrar o que o Pantanal e o Estado tem de bonito e também um fator econômico importante.

Para os funcionários as manifestações culturais que mais atraem os turistas são as danças típicas, a vida do homem pantaneiro e a culinária. Os valores

culturais são transmitidos nas atividades praticadas na fazenda, durante as trilhas, a cavalgada, a lida no campo, etc.

De acordo com o esquema de divisão do subsistema cultural, proposto por Santos e Molin (2008) pode-se destacar a cultura popular como a maior manifestação cultural nas fazendas pesquisadas, pois a gastronomia e o artesanato se sobressaem das demais manifestações. O estilo de vida do pantaneiro também não pode ser esquecido como um atrativo para os visitantes, já que no turismo rural os visitantes tem acesso ao dia-a-dia do pantaneiro.

Importante salientar que, de acordo com os funcionários, o turismo não gerou uma vulgarização na cultura do local, e muito menos a invasão da cultura dos visitantes na mudança de hábitos da comunidade. Porém, o que pode ser percebido é que houve sim uma mudança de hábitos, mesmo que tenha sido pequena. Com a chegada dos turistas, os funcionários passaram a ter uma rotina diferente, totalmente direcionada à atender as necessidades e os desejos do turistas.



Figura 16 – Refeitório na Fazenda Baía Grande

Foto: Ariany Maia dos Santos

As receitas pantaneiras, apontadas como um meio de transmitir a cultura do local, geralmente têm como ingrediente principal os peixes provenientes da grande quantidade de rios na região. Existem algumas receitas muito comuns como o caldo de piranha e o pintado à Urucum (RÜEGG, 2009). Além disso, como um diferencial

da região são usadas algumas carnes exóticas como de catetos, emas, capivaras e jacarés.



Figura 17 – Cantina Pantaneira na Fazenda San Francisco

Fonte: www.fazendasanfrancisco.tur.br

Um elemento que faz parte da cultura pantaneira, contada em estórias, é a comitiva. A comitiva é o chamado transporte do gado de um lugar para outro, realizado por peões que utilizam berrantes, chicote e a própria voz para conduzir a boiada. Estes viajantes levavam consigo arroz, feijão carne seca e farinha de mandioca, daí surgiu o prato típico arroz de carreteiro.

Um das tradições presentes na cultura do pantaneiro e incorporada na atividade turística é o tereré. É uma bebida com erva mate, similar ao chimarrão, porém é consumida com água gelada. Tradicionalmente essa bebida é servida em um recipiente conhecido como guampa, fabricada com parte do chifre bovino (RÜEGG, 2009).

O ato de tomar o tereré é como um ritual para a população pantaneira, pois forma-se uma roda em que todos os indivíduos compartilham da mesma bebida, criando assim um laço de amizade com os novos integrantes da roda e reforçando os já existentes. E como foi evidenciado nas entrevistas os valores da cultura local são transmitidos através de conversas informais, muitas vezes proporcionada pela roda de tereré.

Em Bonito, Frata (2007) afirma que o ambiente cultural é pouco valorizado pelo turismo local. Em Miranda, apesar de não ser o principal atrativo, as manifestações culturais é uma forma de entreter os turistas, faz parte do atrativo.

4.8 Diretrizes

De um modo geral, o município apresenta muito mais potencial do que infraestrutura, até certo ponto justificado, já que a visão econômica do turismo começa a se consolidar a partir de pouco tempo. O município de Miranda deve explorar mais o atrativo Pantanal para que haja verdadeiramente o desenvolvimento local, apesar de já ter ocorrido mudanças significativas para a comunidade.

Levando-se em consideração os cinco objetivos do desenvolvimento local proposto por Barbosa (2005): preservação/conservação ambiental, identidade cultural, geração de ocupações produtivas e de renda, desenvolvimento participativo e qualidade de vida; verifica-se que esses requisitos estão presentes nas fazendas pesquisadas, porém em pequena escala.

O turismo rural está consolidado no município, porém para que ele seja aprimorado, para que seja agregado mais valor e definitivamente contribuir para o desenvolvimento local, são necessárias algumas diretrizes:

- Conscientização da comunidade para a importância da atividade turística;
- Promover a capacitação empresarial, qualificação e treinamento de mão-de-obra ligada a atividade turística;
- Conscientizar os proprietários de áreas rurais e naturais para o exercício da atividade turística;
- Revelar e preservar os recursos naturais e culturais que podem tornar-se atrativos turísticos;
- Desenvolver a atividade turística como mecanismo de preservação ambiental e de geração de empregos;

Nas entrevistas foi demonstrado que a população estimula e incentiva o turismo, na leitura dos funcionários, porém é necessário realizar uma conscientização através de oficinas evidenciando os pontos positivos e informando sobre os pontos negativos da atividade. Isso é necessário, principalmente, se houver

abertura de novos empreendimentos com caráter turístico, na zona rural e também na cidade.

Como o turismo não é a atividade econômica principal, a comunidade não está totalmente preparada para receber os turistas, por isso algumas mudanças consideradas básicas devem ser implementadas para a melhoria da oferta turística do local. Com a qualificação dos empresários e o treinamento dos funcionários, o turismo pode ganhar uma importância maior nas propriedades e isso pode fomentar a atividade, trazendo mais divisas para o município e mais emprego para a comunidade.

As duas diretrizes: conscientizar os proprietários de áreas rurais e naturais para o exercício da atividade turística e revelar e preservar os recursos naturais e culturais que podem tornar-se atrativos turísticos devem ser realizadas conjuntamente. O levantamento feito sobre a oferta turística do município foi realizado pelo PDTUR/MS e mostrou que não existem muitos atrativos ligados ao turismo rural, então a conscientização dos proprietários deve ser realizada para revelar esses recursos rurais e naturais para a exploração da atividade e conseqüentemente preservá-los. Isso deve ser implementado através do auxílio do governo local e estadual, que podem realizar projetos para que algumas propriedades sejam lançadas como atrativos.

Com um objetivo maior o desenvolvimento da atividade turística deve ser considerado como mecanismo de preservação ambiental e também de geração de empregos. A exploração desta atividade nos novos atrativos, se feita com planejamento, pode trazer esses dois benefícios que se mostram componentes do desenvolvimento local.

4.9 Quadro Resumo

Propriedade / Subsistema	Subsistema Ecológico	Subsistema Econômico	Subsistema Social	Subsistema Cultural
Fazenda Santa Inês	- Estudo de viabilidade para implantação da atividade do turismo.	- Houve um incremento na renda dos proprietários, bem como dos	- A comunidade local apresenta uma boa aceitação em relação aos	- A cultura indígena e os "causos" contados pelos moradores são os componentes

		funcionários. - Para a implantação do turismo foram feitos alguns investimentos na infra-estrutura da propriedade.	turistas. - Para os funcionários o fator ambiental foi evidenciado quando começaram a trabalhar com o turismo.	culturais que mais atraem os turistas. - Os valores culturais são transmitidos através das cavalgadas e do tradicional tereré.
Fazenda San Francisco	- Iniciado de forma não estruturada, porém atualmente a propriedade possui licenciamento para todas as atividades econômicas. - é a que mais enfatiza a proteção do meio ambiente, através de projetos educacionais.	- Percebeu-se um aumento na oferta de empregos e também houve um acréscimo na renda da propriedade e dos empregados.	- Os funcionários foram treinados para o recebimento dos visitantes. - Houve uma transformação significativa na vida dos funcionários tendo em vista o contato direto com pessoas de diferentes culturas.	- A cultura não é o atrativo principal para os turistas. - As manifestações que mais atraem os turistas são as danças típicas, as vestimentas, o estilo de viver e o artesanato.
Fazenda Baía Grande	- Para a implantação do turismo rural na propriedade foi realizada uma consultoria com o Sebrae/MS.	- Investimentos foram feitos para a implantação do turismo, e o retorno deste investimento é percebido pelo proprietário e os funcionários também se beneficiaram como o aumento da renda e a oferta de	- Para o proprietário quanto para os funcionários não houve um aumento na população. - Houve uma mudança na estrutura de empregos da região, visto que novos tipos de funções foram	- A valorização da cultura regional e do artesanato é percebida. - As manifestações que mais atraem são as danças típicas, a vida do homem pantaneiro e a culinária.

		empregos.	criados com o desenvolvimento do turismo.	
--	--	-----------	---	--

Quadro 5 – Quadro resumo dos subsistemas

Fonte: Elaborado pela autora

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Pantanal é um destino turístico muito complexo, pois além de ser considerado um patrimônio natural, possui uma diversidade de fauna e flora, existe também como atrativo a questão da lida do campo que compõe o turismo rural. Além disso, o processo histórico de ocupação da região, o homem pantaneiro, sua cultura e seus costumes complementam a oferta que motiva os turistas a visitarem essa região.

De um modo geral, o produto rural que, de acordo com Moletta e Goidanich (1999), engloba a paisagem, as atividades agropecuárias da propriedade, cultural local, as atividades recreativas e a gastronomia estão presentes nas propriedades rurais visitadas. Então o turismo rural está plenamente caracterizado nas fazendas, porém o que se destaca em Miranda é a paisagem do Pantanal, com os seus alagados, animais e plantas.

O Sistema de turismo, mais especificamente o Conjunto das Relações Ambientais, serviu como modelo e referencial teórico para compreender a estrutura e a dinamicidade do turismo nas fazendas. É uma teoria rica que proporcionou um estudo relevante sobre o objeto de estudo. Os quatro subsistemas do referido conjunto foram basilares para o entendimento do turismo naquela região.

As relações ambientais do Sistur possuem outro significado que não somente o conceito de meio ambiente. Referem-se aos elementos do substrato essencial para a operacionalização do sistema, ou seja, os ambientes onde a atividade turística se desenvolverá.

Antes de tecer as considerações sobre cada subsistema é importante salientar que o turismo naquela região é de pequena escala, nesse caso os impactos negativos e positivos estão na mesma proporção de como a atividade é realizada. É relevante esclarecer este ponto porque na literatura apresentada verifica-se que muitas nuances apresentadas não se aplicam a uma atividade que não tem tanta intervenção do turista e do entorno, como acontece no turismo realizado em cidades (na zona urbana).

O subsistema ecológico é o objeto de maior preocupação numa região em que o atrativo turístico se baseia no meio ambiente. As propriedades prepararam-se para a implantação do turismo, duas realizaram um planejamento para verificar a

viabilidade da realização da atividade na propriedade. A educação ambiental e a preservação da flora, fauna e da paisagem estão presentes em todas as propriedades, justamente porque tem-se o objetivo de manter a natureza da maneira que está para que sirva durante muito tempo de atrativo. O que pôde ser percebido foi a conscientização dos proprietários e os funcionários quanto a preservação, a matança dos animais, as queimadas

O turismo rural, em sua definição, é uma forma de complementar a renda de uma propriedade que possui uma atividade econômica principal e serve de atrativo para o turismo. Em Miranda não é diferente. Nas fazendas pesquisadas houve um aumento na renda e padrão de vida. Foi percebido uma ampliação nas oportunidades de emprego, o que contribuiu para o desenvolvimento local.

Dos impactos apresentados na fundamentação teórica, podemos destacar como positivos os seguintes: aumento da renda e do padrão de vida; novas oportunidades de emprego; melhoria da infraestrutura e instalações; mais recursos para a proteção e conservação dos recursos naturais e do patrimônio cultural.

No subsistema social verificou-se que os funcionários tiveram suas vidas transformadas através do turismo, por terem contato com pessoas de culturas diferentes que trazem hábitos de vida diferentes. Outro ponto a ser considerado foi a diversificação do emprego na região que no atual contexto necessita de pessoas com qualificações diferentes. Através das entrevistas verificou-se que a população aceita e estimula o turismo, pois houve um aumento nas oportunidades sociais.

O aumento da população foi um fator associado ao turismo, que gera tanto impacto positivo quanto negativo. O impacto positivo está relacionado ao apoio a instalações médicas e educacionais e o negativo está ligado ao aumento da delinquência.

A cultura pantaneira ainda persiste, apesar das intervenções externas, principalmente dos turistas que visitam o local. A cultura do local também faz parte do atrativo, pois é uma manifestação típica e característica desta região. No caso do turismo rural, o turista “experimenta” as situações vividas pelo pantaneiro. Com seu estilo próprio de vida o pantaneiro não “deixou” que houvesse uma vulgarização da cultura do local e muito menos a mudança de hábitos.

Para concluir, Garms (2004) afirma que no caso do Pantanal verifica-se a ação constante do social sobre o natural, de maneira que as infraestruturas e outras manifestações do homem se tornam parte do ambiente, tornando-se por vezes, indivisível o natural do não natural. Não há mais a primeira natureza, isto porque as manifestações e as ações do social a transformam e modificam, definindo a segunda natureza. Porém com a conscientização da população essa segunda natureza pode se manter do modo como está sem mais destruição.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AMARAL, V.; SILVA, M. C (orgs.). **Fazenda Rio Negro: tradição e conservação no Pantanal Mato-Grossense**. Campo Grande: Ed. UNIDERP, 2007.
- ANDRADE, J. V. **Turismo: Fundamentos e Dimensões**. 7. ed. São Paulo: Ed. Atlas, 1998
- ARCHER, B.; COOPER, C. Os impactos positivos e negativos do turismo. In: THEOBALD, W. (Org). **Turismo Global**. São Paulo: Editora Senac, 2001.
- BANDUCCI JR; A. Turismo cultural e patrimônio: a memória pantaneira no curso do rio Paraguai. **Horizonte antropológico**, Porto Alegre, v. 9, n. 20, 2003.
- BARBOSA, F.F. O turismo como um fator de desenvolvimento local e/ou regional. **Revista Caminhos de Geografia**. UFU, Uberlândia, v.10, n.14, p.107-114, fev 2005.
- BARRETTO, M. **Manual de Iniciação ao estudo do turismo**. Campinas: Papirus, 1997.
- BENEVIDES, I. P. Para uma agenda de discussão do turismo como fator de desenvolvimento local. In: RODRIGUES, A. B. **Turismo e desenvolvimento local**. 2. ed. São Paulo: Hucitec, 1999). p. 23-41.
- BENI, M. C. **Análise Estrutural do turismo**. 5. ed. São Paulo: Editora Senac, 2001.
- BERTALANFFY, L. V. **Teoria Geral dos Sistemas**. Petrópolis: Editora Vozes, 1975.
- BOULLÓN, R. C. **Planificación del espacio turístico**. 3. ed. México: Trillas, 1999.
- BUARQUE, Sérgio C. **Construindo o desenvolvimento local sustentável**. Rio de Janeiro: Editora Garamond, 2002.
- CAMPANHOLA, C.; SILVA; J. G. O agroturismo como nova fonte de renda para o pequeno agricultor brasileiro. In: ALMEIDA, J.A.; RIEDL, M. (Orgs.). **Turismo Rural: ecologia, lazer e desenvolvimento**. Bauru-SP: EDUSC, 2000. p. 145-179.
- CASTELNOU, A. M. N. et. al. Sustentabilidade socioambiental e diálogo de saberes: o Pantanal Mato-grossense e seu espaço vernáculo como referência. **Desenvolvimento e Meio Ambiente**, Curitiba, n. 7, p. 41-67, jan./jun. 2003.
- CAVACO, C. Turismo rural e desenvolvimento local. In: RODRIGUES, A. B. **Turismo e geografia: reflexões teóricas e enfoques regionais**. 2. ed. São Paulo: Hucitec, 1999. p. 94-121.
- CRESWELL, J. W. **Projeto de Pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto**. Porto Alegre: Artmed, 2007.
- DE LA TORRE, O. **El turismo: fenomeno social**. 8.ed. Mexico: Fondo de Cultura Economica, 1994.
- DENCKER, A. F. M. **Métodos e técnicas de pesquisa em turismo**. 5. ed. São Paulo: Futura, 1998.
- ELESBÃO, I. O turismo como atividade não agrícola em São Martinho-SC. In: ALMEIDA, J.A.; RIEDL, M. (Orgs.). **Turismo Rural: ecologia, lazer e desenvolvimento**. Bauru-SP: EDUSC, 2000. p. 245-263.
- FAZENDA BAÍA GRANDE. Disponível em: <http://www.fazendabraiagrande.com.br>>. Acesso em 17 mar. 2010.

FAZENDA SAN FRANCISCO. Disponível em: <<http://www.fazendasanfrancisco.tur.br>>. Acesso em 17 mar. 2010.

FONTANA; R. F.; DENCKER, A. F. M. Turismo Rural: desencontros de uma realidade. In: Seminário de Pesquisa em Turismo do MERCOSUL, IV, 2006, Caxias do Sul-RS. **Anais...Caxias do Sul**: UCS, 2006.

FRATA, Angela Maria. **Ciclo de Vida do Destino Turístico do Município de Bonito Mato Grosso do Sul**. Angela Maria Frata; orientação de Ido Luiz Michels – Campo Grande, 2007, 114 p: il. Dissertação de Mestrado (M) – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, 2007.

FUNARI, P. P. A.; PINSKY, J. (Orgs.). **Turismo e patrimônio cultural**. São Paulo: Contexto, 2001.

FUNDAÇÃO DE TURISMO. <<http://www.turismo.ms.gov.br>>. Acesso em: 17 mar. 2010.

GARMS, A. Pantanal: o mito e a realidade. **Anais... IV Simpósio sobre Recursos Naturais e Sócio-econômicos do Pantanal**. Corumbá/MS. 23 a 26 de nov 2004.

GOELDNER, C. R.; RITCHIE, J. R.; MCINTOSH, R. W. **Turismo**: princípios, práticas e filosofias. 8. ed. Porto Alegre: Bookman, 2002.

IGNARRA, L. R. **Fundamentos do turismo**. São Paulo: Pioneira, 2003.

JOAQUIM, G. **Turismo e mundo rural: que sustentabilidade?** In: RODRIGUES, A.B. (Org.). Turismo Rural: práticas e perspectivas. São Paulo: Contexto, 2001. p. 35-45.

KRIPPENDORF, J. **Sociologia do Turismo**. São Paulo: Aleph; 2001.

LAGE, B. H. G.; MILONE, P. C. **Economia do Turismo**. São Paulo: Atlas, 2001.

LAURENT, C.; MAMDY, J.F. O turismo rural na França. In: ALMEIDA, J.A.; FROELICH, J.M.; RIEDL, M. (Orgs.). **Turismo Rural e Desenvolvimento Sustentável**. Campinas: Papyrus, 2000. p. 163-180.

MOLETTA, V.F.; GOIDANICH, K.L. **Turismo Rural**. Porto Alegre: SEBRAE/RS, 1999.

MOLINA, S. **Conceptualización del turismo**. México: Limusa, 2000.

MONTEJANO, J. M. **Estrutura do mercado turístico**. 2. ed. São Paulo: Roca, 2001.

MORETTI, E. C. Atividade turística: produção e consumo do lugar Pantanal. In: BANDUCCI JR, A; MORETTI, E. C. **Qual paraíso?: turismo e meio ambiente em Bonito e no Pantanal**. Campo Grande: UFMS, 2001. p. 41-73.

MOTA, K.C.N. **Marketing Turístico: promovendo uma atividade sazonal**. São Paulo: Atlas, 2001.

OMT – Organização Mundial do Turismo. **Turismo Internacional**: uma perspectiva global. 2 ed. Porto Alegre: Bookmann, 2003.

PDTUR – Plano de Desenvolvimento Turístico Sustentável de Mato Grosso do Sul. Disponível em: <<http://www.pdturms.com.br>>. Acesso em: 23 nov. 2007.

PIRES, P.S. A paisagem rural como recurso turístico. In: RODRIGUES, A.B. (Org.). **Turismo Rural**: práticas e perspectivas. São Paulo: Contexto, 2001. p. 117-132.

RIBEIRO, M. Turismo rural em Portugal: dos seus protagonistas principais e da sua configuração. In: ALMEIDA, J.A.; RIEDL, M. (Orgs.). **Turismo Rural**: ecologia, lazer e desenvolvimento. Bauru-SP: EDUSC, 2000.

RODRIGUES, A.B. Turismo rural no Brasil – ensaio de uma tipologia. In: RODRIGUES, A.B. (Org.). **Turismo Rural**: práticas e perspectivas. São Paulo: Contexto, 2001. p. 101-116.

RODRIGUES, Adyr B.(org.) **Turismo e Geografia**: Reflexões teóricas e enfoques regionais. 2. ed. São Paulo: Hucitec, 1999.

RÜEGG, G. **A Harmonia de Sons e Sabores do Pantanal Sul Mato-grossense**. Disponível em: <http://artigocientifico.uol.com.br/uploads/artc_1182437832_19.doc>. Acesso em 30 mar. 2009.

RUSCHMANN, D.V.M. **Turismo e Planejamento Sustentável**: a proteção ao meio ambiente. 5. ed. Campinas: Papirus. 1997.

_____. O turismo rural e o desenvolvimento sustentável. In: ALMEIDA, J.A.; FROEHLICH, J.M.; RIEDL, M. (Orgs.). **Turismo Rural e Desenvolvimento Sustentável**. Campinas: Papirus, 2000. p. 63-73.

SANTOS, A. S.; MOLIN, E. D. D. Elementos históricos pertencentes ao sistema turístico: avaliação estrutural dos museus localizados na Rota dos Tropeiros – Região dos Campos Gerais (PR). **Turismo & Sociedade**, Curitiba, v. 1, n. 1, p. 53-73, abril de 2008.

SEBRAE. **Desenvolvimento do turismo rural de Mato Grosso do Sul**. Campo Grande: Sebrae/MS, 2002.

SILVA, J. G.; VILARINHO, C.; DALE, P.J. Turismo em áreas rurais: suas possibilidades e limitações no Brasil. In: ALMEIDA, J.A.; FROEHLICH, J.M.; RIEDL, M. (Orgs.). **Turismo Rural e Desenvolvimento Sustentável**. Campinas: Papirus, 2000. p. 15-62.

SILVEIRA, M.A.T. Política de turismo: oportunidades ao desenvolvimento local. In: RODRIGUES, A.B. (Org.). **Turismo Rural**: práticas e perspectivas. São Paulo: Contexto, 2001. p. 133-150.

SIRGADO, J.R. Espaço turístico e desenvolvimento no Cone Leste Paulista. In: RODRIGUES, A.B. (Org.). **Turismo Rural**: práticas e perspectivas. São Paulo: Contexto, 2001. p. 69-98.

SWARBROOKE, J.; HORNER, S. **O comportamento do consumidor no turismo**. São Paulo: Aleph, 2002.

TULIK, O. **Turismo rural**. São Paulo: Aleph, 2003.

TURISMO Rural. Disponível em: <<http://www.mma.gov.br/port/sga/pantanal/site/esptur2.html>> Acesso em 05 de julho de 2003.

TURISMO rural na pequena sociedade. **Globo rural**, São Paulo. 1998

XAVIER, L. S. S. **Turismo no espaço rural do Pantanal**. Campo Grande: Ed. UFMS, 2007.

YIN, R. K. **Estudo de caso**: planejamento e métodos. Porto Alegre: Bookman, 2001.

ZAPATA, T. **Estratégias de desenvolvimento local**. São Paulo: Coordenadoria de Assistência Técnica do Governo do Estado de São Paulo. Publicado em 24/10/2006. Disponível em:

<http://www.cati.sp.gov.br/novacati/pemh/doc_pub/Estrategias%20de%20Desenvolvimento%20Local.pdf>. Acesso em 07 mai 2009.

ZIMMERMANN, A. Planejamento e Organização do turismo rural no Brasil. In: ALMEIDA, J.A.; FROEHLICH, J.M.; RIEDL, M. (Orgs.). **Turismo Rural e Desenvolvimento Sustentável**. Campinas: Papirus, 2000. p. 127-142.

APÊNDICES

APÊNDICE A - ROTEIRO DE ENTREVISTA COM PROPRIETÁRIOS

Perfil da propriedade

1. Tamanho da propriedade:
2. Número de empregados (geral):
3. Número que trabalham para o turismo:
4. Principal atividade econômica:
5. Procedência dos turistas:
6. Número de leitos:
7. Número de visitantes por mês:
8. Perfil do turista:
9. Modalidades de turismo realizadas:
10. Início do turismo na propriedade:

Subsistema Ecológico

1 – Houve um planejamento para a implantação do turismo na propriedade?

() Sim, como foi feito? () Não

2 – Foi realizado algum plano de manejo, estudo de impacto ambiental ou de capacidade de carga?

() Sim, qual? () Não

3 – Existe algum programa de educação ambiental para os turistas e funcionários?

() Sim, como é feito? () Não

4 – Existem guias especializados para orientar e acompanhar os turistas?

() Sim, quantos? _____ () Não

5 – Percebe-se a preservação da flora, da fauna e das paisagens da região?

() Sim, como? () Não

6 – Existem alguma prática relacionada ao desenvolvimento sustentável?

() Sim () Não

Se sim, quais se encaixam:

() Redução, reutilização, reciclagem de recursos materiais;

() Destinação adequada dos resíduos;

() Consumo responsável de energia;

() Consumo responsável de água;

() Redução de poluição atmosférica;

() Controle de substâncias tóxicas e adversas;

7 – Como é feita a fiscalização ambiental do empreendimento?

Subsistema Econômico

1 – O turismo trouxe incremento na renda da propriedade?

() Sim () Não

2 – Melhorou o padrão de vida do senhor e da sua família?

() Sim () Não

3 – Houve aumento de emprego e renda para população?

() Sim () Não

4 – O custo de vida aumentou para os residentes?

() Sim () Não

5 – Houve melhoria na infra-estrutura para receber os turistas?

() Sim, quais? () Não

6 – O poder público investe na atividade turística?

() Sim, em que? () Não

7 – As empresas locais se tornaram mais oportunistas com a chegada dos turistas?

() Sim, como? () Não

8 – Surgiram mais recursos para a preservação dos recursos naturais e patrimônio cultural?

() Sim, quais? () Não

10 – Qual é a permanência do turista na propriedade?

() 1 a 2 dias () 3 a 5 dias () 5 ou mais

11 – Quais os gastos do turista na propriedade?

Subsistema Social

1 – Existe um contato direto entre moradores e turistas?

() Sim, como se manifesta? () Não

2 - A comunidade local aceita os turistas?

() Sim () Não

3 – Houve uma mudança na estrutura de empregos da região?

() Sim, como isso é percebido? () Não

4 – Houve um aumento da população com o desenvolvimento do turismo?

() Sim () Não

Subsistema Cultural

1 – O componente cultura é um fator importante para atrair turistas?

() Sim, de que forma? () Não

2 - Há alguma política de valorização da cultura regional?

() Sim, qual? () Não

3 – Há a valorização do artesanato da região?

() Sim, como se manifesta? () Não

4 – Percebeu-se alguma vulgarização das manifestações culturais?

() Sim, de que forma? () Não

5 - Percebe-se uma invasão cultural por parte dos turistas modificando hábitos da comunidade original?

() Sim, quais? () Não

6 – Qual tipo de manifestação cultural que mais atrai os turistas?

APÊNDICE B - ROTEIRO DE ENTREVISTA COM FUNCIONÁRIOS

Perfil

1. Idade:
2. Sexo:
3. Grau de escolaridade:

Subsistema Ecológico

1 – O(a) senhor (a) recebeu algum tipo de orientação sobre a questão ambiental para preservar o meio ambiente?

() Sim, que tipo de orientação? () Não

2 – O(a) senhor(a) orienta os turistas sobre questões ambientais?

() Sim, de que forma? () Não

5 – O(a) senhor(a) acredita que há a preservação da flora, da fauna e das paisagens da região?

() Sim, como? () Não

Subsistema Econômico

1 – O turismo melhorou o padrão de vida do senhor e da sua família?

() Sim, de que forma? () Não

2 – Aumentou a renda da família?

() Sim, quanto? () Não

3 – Surgiu maiores chances de empregos?

() Sim () Não

4 – O(a) senhor(a) acha que o custo de vida aumentou?

() Sim () Não

5 – Houve melhoria na infra-estrutura básica?

() Sim () Não

Subsistema Social

1 – O(a) senhor (a) acha que houve uma transformação na sua vida através do turismo?

() Sim, de que forma? () Não

2 – O (a) senhor (a) acredita que a comunidade local estimula o turismo?

() Sim, como isso é percebido? () Não

3 – Houve um aumento da população com o desenvolvimento do turismo?

() Sim () Não

Subsistema Cultural

1 – O(a) senhor (a) percebeu alguma valorização na cultura regional?

() Sim, de que forma? () Não

2 – O (a) senhor(a) acredita que a cultura da região é um atrativo para os turistas?

() Sim, como isso é percebido? () Não

3 – Qual tipo de manifestação cultural que mais atrai os turistas?

4 – O(a) senhor(a) uma invasão cultural por parte dos turistas modificando hábitos da comunidade receptora?

() Sim, quais? () Não

5 – Como o(a) senhor (a) transmite para os turistas valores da cultura local?

AXEXO

Anexo 1 – Município de Miranda – Meios de Hospedagem

Fazenda/ Pousada	Rio	Aptos/ Chalés	Acesso/ distância	Atividades
Refúgio Caiman	Miranda	29 Aptos	Estrada para Agachi, 36 km - pista de pouso	Passeio a cavalo, a pé e de barco para conhecer as diferentes paisagens pantaneira. Participar de pesca e do dia a dia da fazenda. Saborear os pratos típicos da região.
Hotel Salobra	Miranda	11 Chalés	Pelo km 560 da BR 262 para Corumbá, 17 km	Passeio a cavalo, a pé e de barco para conhecer as diferentes paisagens pantaneira. Participar de pesca e do dia a dia da fazenda. Saborear os pratos típicos da região.
Fazenda São Francisco	Miranda	-	Pela BR 262 para Corumbá	Passeio a cavalo, a pé e de barco para conhecer as diferentes paisagens pantaneira. Participar de pesca e do dia a dia da fazenda. Saborear os pratos típicos da região.
Refúgio da Ilha	Miranda	5 Aptos	Pelo km 560 da BR 262 para Corumbá, 28 km	Passeio a cavalo, a pé e de barco para conhecer as diferentes paisagens pantaneira. Participar de pesca e do dia a dia da fazenda. Saborear os pratos típicos da região.

Fonte: XAVIER (2007, p. 74).

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)